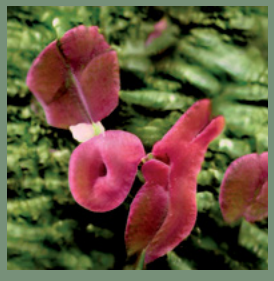
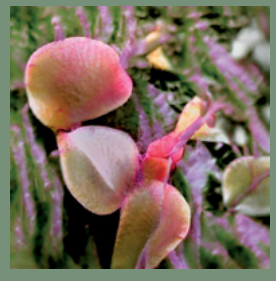
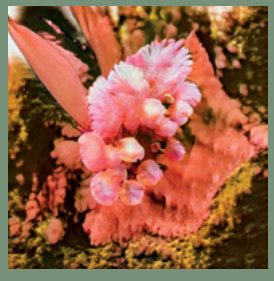
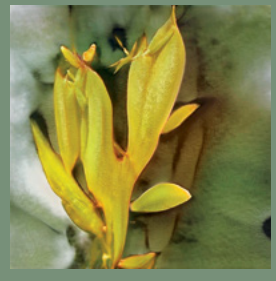
museu judaico

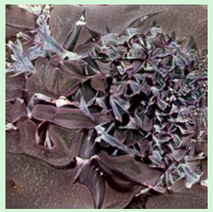
BOTANNICA TIRANNICA





GISELLE BEIGUELMAN



BOTANNICA TIRANNICA

GISELLE BEIGUELMAN

CURADORIA
CURATORSHIP

ILANA
FELDMAN

28.05.2022 - 18.09.2022
MUSEU JUDAICO DE SÃO PAULO

MUSEU JUDAICO DE SÃO PAULO

Se a empreitada moderna colonizou corpos, territórios e imaginários, com a botânica não foi diferente. Inúmeras espécies de plantas, muitas anteriormente nomeadas pelos povos originários, foram (re)batizadas com alcunhas misóginas, racistas, antissemitas e preconceituosas, perfazendo mais uma camada de violência simbólica contra identidades que escapam aos modelos normativos e hegemônicos.

Crítica a esse procedimento colonialista – e após ter recebido de presente uma muda de *Tradescantia zebrina*, corriqueiramente chamada de Judeu errante –, a artista Giselle Beiguelman mapeou centenas de espécies de plantas submetidas à nomeação pejorativa, para então remixá-las de modo a produzir um verdadeiro jardim decolonial, no qual articula reflexões de ordem política e estética sobre o preconceito, a representação e a relação entre cultura e natureza – que a modernidade tornou indissociável.

A intolerância e a perseguição, assim como a resistência e a resiliência, são temas centrais da experiência judaica ao longo da história, assim como desafios absolutos do nosso tempo. A abordagem dessas temáticas pela produção artística contemporânea é um dos eixos basilares do Museu Judaico de São Paulo (MUJ), por isso a honra de expor a produção atual de uma artista com quase três décadas de uma inquieta atuação nas artes e na academia.

É com entusiasmo que apresentamos *Botannica Tirannica*, mostra inédita de Giselle Beiguelman produzida especialmente para o MUJ, com curadoria de Ilana Feldman, e resultado de uma colaboração instigante entre a artista e a instituição a partir de um campo de investigação comum e, sobretudo, urgente.

Nossos agradecimentos aos mantenedores, patrocinadores, apoiadores e visitantes do MUJ, este museu que, mesmo recém-nascido, já se coloca a missão de construir coletivamente novos mundos e jardins.

FELIPE ARRUDA
DIRETOR EXECUTIVO

JEWISH MUSEUM OF SÃO PAULO

If modern enterprise colonized bodies, territories and imaginations, botany was no exception. Indigenous people named numerous species of plants, but colonizers imposed on many of those plants new names that used misogynist, racist, anti-Semitic and prejudiced nomenclature, creating yet another layer of symbolic violence against identities that fall outside normative, hegemonic models.

The artist Giselle Beiguelman is critical of this colonialist process. After having received a gift of a Tradescantia zebrina seedling, popularly known as *Wandering Jew*, she mapped hundreds of plant species subjected to pejorative names and reshuffled them in order to produce a veritable and virtual decolonial garden. The garden you will experience articulates political and aesthetic reflections on prejudice, representation and the relationship between culture and nature – which modernity has made inseparable.

Intolerance and persecution, as well as resistance and resilience, are central themes of the Jewish experience throughout history and remain absolute challenges of our time. Exploring these themes through contemporary art is one of the fundamental axes of the Museu Judaico de São Paulo (MUJ). This is why it is an honor to exhibit the most recent work of an artist with almost three decades of restless endeavor in the arts and in academia.

It is with enthusiasm that we present *Botannica Tirannica*, a new exhibition by Giselle Beiguelman produced especially for MUJ, curated by Ilana Feldman, and the result of a thought-provoking collaboration between the artist and the institution based on a joint and, above all, urgent field study.

We would like to thank the patrons, sponsors, supporters and visitors of MUJ for helping to build a museum that, despite its recent inception, has already embraced the mission of collectively building new worlds and gardens.

FELIPE ARRUDA
EXECUTIVE DIRECTOR

[11] A VIDA DOS NOMES
POR ILANA FELDMAN, CURADORA
THE LIFE OF NAMES
BY ILANA FELDMAN, CURATOR

[17] [OBRAS]
[ARTWORKS]

[19] ERRANTE
WANDERING

[21] FLORA REBELLIS
FLORA REBELLIS

[41] FLORA MUTANDIS
FLORA MUTANDIS

[77] A TAXONOMIA É UMA TECNOLOGIA DE PODER
TAXONOMY IS A TECHNOLOGY OF POWER

[79] UMA GENEALOGIA DO PRECONCEITO
A GENEALOGY OF PREJUDICE

[81] JARDIM DA RESILIÊNCIA
GARDEN OF RESILIENCE

[87] TODA ERVA DANINHA É UM SER REBELDE
EVERY WEED IS A REBELLIOUS BEING

[91] LABORATÓRIO
LAB

[97] [EXPOSIÇÃO]
[EXHIBITION]

[113] [PESQUISA]
[RESEARCH]

[115] A COLONIALIDADE DA NOMENCLATURA
THE COLONIALITY OF NOMENCLATURE

[123] BOTANNICA TIRANNICA: HISTÓRIAS DE UM ECOSSISTEMA ERRANTE EM SETE ATOS
POR GISELLE BEIGUELMAN
BOTANNICA TIRANNICA: STORIES OF A WANDERING ECOSYSTEM IN SEVEN ACTS
BY GISELLE BEIGUELMAN

[147] SUBSTRATO
SUBSTRATE

A VIDA DOS NOMES

THE LIFE OF NAMES

ILANA FELDMAN

CURADORA
CURATOR

Giselle Beiguelman é uma criadora de imagens dedicada a pensar a natureza das próprias imagens na contemporaneidade, mobilizando de maneira crítica, surpreendente e inventiva a relação entre estética e política, arte e tecnologia. Em *Botannica Tirannica*, a artista amplia sua zona de atuação pelo território da ciência e interroga as relações entre a ciência hegemônica, a botânica clássica e o imaginário colonialista historicamente presentes nas formas de dominação e classificação da natureza.

Tensionando a esfera do supostamente "natural" – já que a ideia de natureza é uma invenção da modernidade – ao racismo colonial e científico, à eugenia moderna e maquínica, a artista investiga e subverte as taxonomias e os padrões algorítmicos que têm sustentado a ideologia colonialista expressa pela ciência botânica. Não por acaso, na botânica que conhecemos essa mentalidade se revela por meio de nomes científicos e/ou vulgares ofensivos e preconceituosos contra mulheres, negros, judeus, indígenas, povos ditos "ciganos" e tantos outros grupos continuamente desqualificados e subjugados.

Tal é o caso da *Tradescantia zebrina*, popularmente conhecida como "Judeu errante", expressão depreciativa para designar uma planta que insiste em se difundir e sobreviver em condições adversas. Também a *Thumbergia alata*, conhecida vulgarmente como "Bunda-de--mulata", e a *Impatiens walleriana*, a popular e aparentemente inofensiva "Maria-sem-vergonha", são exemplos de alcunhas típicas de plantas consideradas, em diversas línguas e culturas, como "daninhas": aquelas que, na condição de intrusas, estranhas e não desejadas, provocam dano, estrago e estão condenadas à danação, às penas do inferno. O mundo é um jardim cujas ervas daninhas devem ser eliminadas – defende o pensamento eugenista.

Giselle Beiguelman is a creator of images dedicated to pondering the nature of images themselves in contemporaneity, by mobilizing the relationship between aesthetics and politics, art and technology in a critical, surprising and inventive manner. In *Botannica Tirannica*, the artist has expanded the scope of her work into the territory of science to question the relationships between hegemonic science, classical botany and the colonialist imagination, historically present in the forms of domination and classification of nature.

Probing the sphere of the supposedly "natural"– since the idea of nature is a modern invention– with colonial and scientific racism, modern and machine eugenics, the artist investigates and subverts the taxonomies and the algorithmic patterns that have sustained the colonialist ideology expressed by the botanical science. Not coincidentally, in botany this mentality reveals itself through scientific names and/or common names that are offensive and prejudiced against women, blacks, Jews, indigenous people, so-called gypsies and so many other continually marginalized and subjugated groups.

This is the case of the *Tradescantia zebrina*, popularly known as the "Wandering Jew", a derogatory expression used to designate a plant that insists on spreading and surviving in adverse conditions. The *Thumbergia alata*, commonly known as "Bunda-de-mulata" [Mulatto girl's bottom], and *Impatiens walleriana*, the popular and apparently inoffensive "Maria-sem-vergonha" [Shameless Maria], are examples of typical nicknames of plants considered, in various languages and cultures, as forms of "weed": those which, as intrusive, strange and undesired, cause damage and are condemned to damnation and the pains of hell. The world is a garden whose weed must be eliminated–according to eugenicist thinking.

Para levar a cabo uma genealogia do preconceito nos campos das artes e da ciência, Giselle Beiguelman lança mão de um programa de Inteligência Artificial com o qual cruza e combina diversas dessas espécies dotadas de nomes discriminatórios. Em suportes distintos – uma série de 18 imagens que compõem a obra *Flora mutandis*, cinco vídeos que estruturam a obra *Flora rebellis*, uma imagem de nome *Errante*, um ensaio audiovisual intitulado *Botannica Tirannica* e, ainda, um verdadeiro *Jardim da resiliência*, onde são cultivadas plantas de nomes injuriosos, em sua maioria "daninhas" – a artista torce os usos correntes e ambivalentes da tecnologia, liberando novos campos poéticos e novos sentidos políticos. Assim vemos nascer híbridos, plantas e flores a um só tempo reais e inventadas, verdadeiras e falsas, as quais desfazem o impulso taxonômico por meio de seus corpos estranhos e de suas nomenclaturas impronunciáveis.

Aqui, é preciso lembrar que se a linguagem produz mundo e realidade com base em seus rituais de nomeação, no contexto da botânica hegemônica e do racismo científico essa nomeação é também uma forma de posse e de dominação. Como afirma a artista, a nomenclatura é um ritual de apagamento de tudo aquilo que é diferente, diverso, distinto, fora do padrão. Isto porque a taxonomia botânica, "ciência geral da ordem", tabula e organiza a vida das espécies a partir de suas semelhanças e diferenças, projetando no mundo das plantas, dos frutos e das flores características humanas, binarismos reprodutivos, preconceitos raciais, religiosos e de gênero. Com isso, a ciência botânica, diferentemente do perspectivismo dos povos ameríndios originários, construiu uma só natureza à imagem e semelhança do homem – aqui entendido, literalmente, como gênero masculino, branco e ocidental.

In order to create a genealogy of prejudice in the fields of art and science, Giselle Beiguelman employed an Artificial Intelligence program to cross and combine different species endowed with discriminatory names. Using different media—a series of 18 images compose the work *Flora mutandis*, five videos structure the work *Flora rebellis*, an image named *Errante* [Wandering], an essay film entitled *Botannica Tirannica* and a real *Garden of Resilience*, where plants, primarily "weeds", with injurious names are cultivated—the artist twists the common and ambivalent uses of technology, liberating new poetic fields and new political meetings. This gives rise to hybrids, plants and flowers that are at once real and invented, true and false, which undo the taxonomic impulse through their strange bodies and unpronounceable nomenclatures.

Here, it is important to remember that, if language produces the world and reality based on its naming rituals, in the context of hegemonic botany and scientific racism this naming is also a form of possession and domination. Like the artist says, nomenclature is a ritual of erasure of everything that is different, diverse, distinct, abnormal. Hence the fact that botanical taxonomy, "a general science of order", tabulates and organizes the life of species based on their similarities and differences, projecting onto the world of plants, fruits, and flowers, human characteristics, reproductive binarisms, racial, religious and gender prejudices. As a result, the botanical science, unlike the perspectivism of the original Amerindian peoples, created a single nature in the image and semblance of man—understood here, literally, as male, white and Western.

We can say that the life of plants, as well as the relationship between culture and

Podemos dizer que a vida das plantas, bem como a relação entre cultura e natureza na era que se convencionou chamar hoje de Antropoceno, estão no centro da reflexão crítica contemporânea. Esse pensamento político, que vai da filosofia à antropologia, da história das ciências às práticas artísticas críticas ao paradigma colonial, passa pela valorização de saberes ancestrais e pelo questionamento das relações de poder forjadas no bojo do colonialismo. "As plantas fazem mundo", defende Emanuele Coccia, e por isso devemos interrogá-las, olhar para elas, ouvir a sua respiração. Para o filósofo, se a vida das plantas é uma cosmogonia em ato, gênese constante de nosso mundo, a botânica deveria "descrever todas as formas de vida capazes de fotossíntese como divindades inumanas e materiais, titãs domésticos que não precisam de violência para fundar novos mundos".[1]

Desafiando assim o imaginário colonialista próprio aos processos de classificação das espécies vegetais, *Botannica Tirannica* desnaturaliza a naturalidade cotidiana com que olhamos para essa infinidade de plantas portadoras de nomes derrogatórios, por vezes "simplesmente" maledicentes, por vezes gravemente aviltantes. Sem dúvida, uma crítica aos poderes não pode prescindir de uma crítica à linguagem e seus dispositivos de identificação e normalização, mas a empreitada de Giselle Beiguelman não se reduz ao gesto de denúncia, como quem se compraz em apontar o dedo em riste. Em lugar das nomenclaturas preconceituosas, Beiguelman escova a tecnologia a contrapelo, curto-circuitando a Inteligência Artificial para inventar outras possibilidades de nomeação, de criação de experiência, de produção de metamorfoses e novas formas de vida.

Como se vê nas séries *Flora mutandis* e *Flora rebellis*, a artista cria uma explosão de cores e variação de formas libertas de toda lógica

nature in the epoch conventionally called the Anthropocene, is at the center of contemporary critical reflection. This political thinking, which encompasses anything from philosophy to anthropology, from the history of sciences to artistic practices critical of the colonial paradigm, values ancestral knowledge and questions the relations of power forged in the crucible of colonialism. "Plants make the world", argues Emanuele Coccia, and this is why we must interrogate them, look at them, listen to their respiration. For the philosopher, if the life of plants is an act of cosmogony, a constant genesis of our world, botany should "describe all the ways of life capable of photosynthesis as inhuman and material divinities, domestic titans that do not rely on violence to found new worlds".[1]

Challenging the classification procedures of the colonialist imagination for plant species, *Botannica Tirannica* denaturalizes the daily naturalness with which we see this world of plants with derogatory names, at times "simply" demeaning, at times seriously degrading. Indeed, a criticism of power cannot go without a criticism of the language and its mechanisms of identification and normalization, but the work by Giselle Beiguelman cannot be reduced to a gesture of denouncement, like someone who delights in finger wagging. In the place of prejudiced nomenclature, Beiguelman goes against the grain of technology, short-circuiting Artificial Intelligence to invent other ways of naming, of creating experience, of producing metamorphosis and new forms of life.

As we can see in the series *Flora mutandis* and *Flora rebellis*, the artist creates an explosion of colors and variation of forms freed from all identity and utilitarian logic. Using distinct languages, 18 fixed images in square format, and five videos framed equally, in dialogue with the format of grids of images

1 *A vida das plantas – uma metafísica da mistura*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018, p. 16-17.

1 *The Life of Plants: A Metaphysics of Mixture*. New York: Polity Press, 2018.

identitária e utilitarista. Por meio de linguagens distintas, 18 imagens fixas em formato quadrado e cinco vídeos igualmente quadrados, em diálogo com o formato das grelhas de imagens da Inteligência Artificial, Beiguelman inventa e produz criaturas híbridas e sem raízes, radicalmente singulares. Tal é o caso das plantas e flores, explosivas e sensuais, dotadas de nomes impossíveis, no caso das imagens de *Flora mutandis*, ou das plantas cujas formas estão em perpétua transmutação, no caso das obras em vídeo de *Flora rebellis*. Em uma dança erótica, essas criaturas misturam-se e desfazem, com sua beleza e estranheza, a relação entre palavras e coisas, poder e nomeação. Não por acaso, as flores, órgãos sexuais das plantas, cujas formas, sabemos, são o apêndice que lhes permite capturar e atrair o mundo para si, ensejam aqui também uma espécie de laboratório da mistura e da metamorfose.

Já a obra *Errante*, imagem igualmente criada com Inteligência Artificial e resultado da combinação de todas as espécies de plantas nomeadas vulgarmente, em diversos idiomas, como "judeu errante", a coincidência entre natureza e artifício, experimento tecnológico e experiência estética, matéria e imaginação, é também um libelo contra o preconceito, a intolerância e a perseguição. Durante séculos, a alcunha de "judeu errante" recaiu sobre um povo sem direito à terra e a pertencimento, condenado, tal como uma erva "daninha", a errar e a se danar. Mas, para Beiguelman, seguindo a trilha aberta pelo pensamento pós-estruturalista e fazendo jus ao legado diaspórico e não essencialista da própria cultura judaica, a errância, longe de ser uma condenação, seria a própria condição de vida, criação e liberdade de todo ser vivente, aí incluídas as plantas.

Neste ponto, a reflexão sobre as relações entre ciência colonial, preconceito, antissemitismo, racismo científico e algorítmico ganha no ensaio audiovisual *Uma genealogia do preconceito* uma envergadura poderosa. Manipulando materiais de arquivo heterogêneos, como fotografias, documentos históricos, fichas de botânica, trechos de filmes de ficção e materiais de propaganda, somados a imagens e vídeos de plantas e jardins botânicos produzidos pela própria artista, Beiguelman lança mão também de uma irônica narração produzida por robôs de Inteligência Artificial. Avizinhando-se ao gesto crítico e desconstrutivo que marca a obra do cineasta e artista alemão Harun Farocki, cria-se nesse vídeo de curta-metragem uma narrativa vertiginosa, em que a busca por padrões fenotípicos, genéticos e genéricos que sustentam as bases ideológicas da eugenia é relacionada à busca por padrões de dados e informações algorítmicas operados pela própria Inteligência Artificial. Desmontando e remontando essa lógica, que vai de fins do século XIX à nossa atual dadosfera, Giselle Beiguelman nos interroga: "Mas e o que fica fora do padrão?" – questão que ressoa por toda a exposição e é amplificada por cada uma das obras.

Assim, frente às forças taxonômicas e às identidades fixas e padronizadas, *Botannica Tirannica* parte da errância e do nomadismo da tradição judaica para afirmar as flores e as plantas, em particular as "daninhas", como formas de vida fulgurantes, resistentes e resilientes, criaturas "danadas",[2] rebeldes e fora do padrão. Infiltradas em jardins reais e digitais, elas jamais serão eliminadas.

2 Relativo aos condenados à danação do Inferno em uma acepção religiosa, o termo "danada", no gênero feminino, porta também, no Brasil, um sentido malicioso, lascivo e sexualizado. Em bom português, uma mulher "danada" seria, entre outras ofensas, uma "Maria-sem-vergonha".

from Artificial Intelligence, Beiguelman invents and produces rootless and radically unique hybrid creatures. This is the situation of the explosive and sensual plants and flowers, endowed with impossible names, like the images from *Flora mutandis*, or of the plants whose shapes are in perpetual transmutation, in the case of the works in the video of *Flora rebellis*. In an erotic dance, these creatures blend and dissolve, with their beauty and strangeness, the relationship between words and things, power and naming. It is no coincidence that flowers, the sex organs of plants, whose shapes, as we know, are the appendage that allows them to capture and attract the world, also give rise here to a type of laboratory of mixture and metamorphosis.

While in the work *Errante* [Wandering], an image also created with Artificial Intelligence and the result of a combination of all the common name plant species, in different languages, known as "Wandering Jew", the overlap between nature and deception, technological experimentation and aesthetic experience, matter and imagination is also a satire on prejudice, intolerance and persecution. For centuries, the nickname "Wandering Jew" has befallen a people deprived of their right to the land and belonging, condemned, like "weed", to wander and be damned. But, for Beiguelman, following the trail blazed by poststructuralist thinking and in keeping with the diasporic and non-essentialist legacy of Jewish culture itself, wandering, far from being a punishment, is a condition for life, creation and liberty of all living beings, including plants.

On this point, the film essay *A Genealogy of Prejudice* is an important reflection on the relationships between colonial science, prejudice, anti-Semitism, scientific and algorithmic racism. Beiguelman also employs an ironic narration produced by Artificial Intelligence robots by manipulating heterogeneous archive materials, which include photographs, historical documents, botanical records, clips from fiction films and propaganda materials, combined with images and videos of plants and botanical gardens produced by the artist herself. Approximating the critical and deconstructive sense that marks the work of the German filmmaker and artist Harun Farocki, a dizzying narrative is created in this short video, in which the search for phenotypic, genetic and generic patterns that support the ideological basis for eugenics is associated with the search for patterns in data and algorithmic information operated by the Artificial Intelligence itself. Disassembling and reassembling this logic, spanning the 19th century to our current datasphere, Giselle Beiguelman asks us: "But what about the things that fall outside the pattern?"–a question that resonates throughout the exhibition and is amplified by each one of the works.

In this way, in the face of taxonomic forces and fixed and standardized identities, *Botannica Tirannica* uses wandering and the nomadism of the Jewish tradition to say that flowers and plants, particularly "weeds", [2] are dazzling, resistant, resilient forms of life, "damned" creatures, rebellious and abnormal. Infiltrated in real and digital gardens, they will never be eliminated.

2 With regard to those damned to hell in the religious sense, the term "danada" [damned], in the female gender, also contains, in Brazil, a mischievous, lewd and sexualized meaning. In proper Portuguese, a "danada" woman would be, among other things, a "Maria-sem-vergonha" [Shameless Maria].

[BOTANNICA TIRANNICA]
[15]
[A VIDA DOS NOMES]
[THE LIFE OF NAMES]
[GISELLE BEIGUELMAN]

OBRAS

ARTWORKS

ERRANTE WANDERING

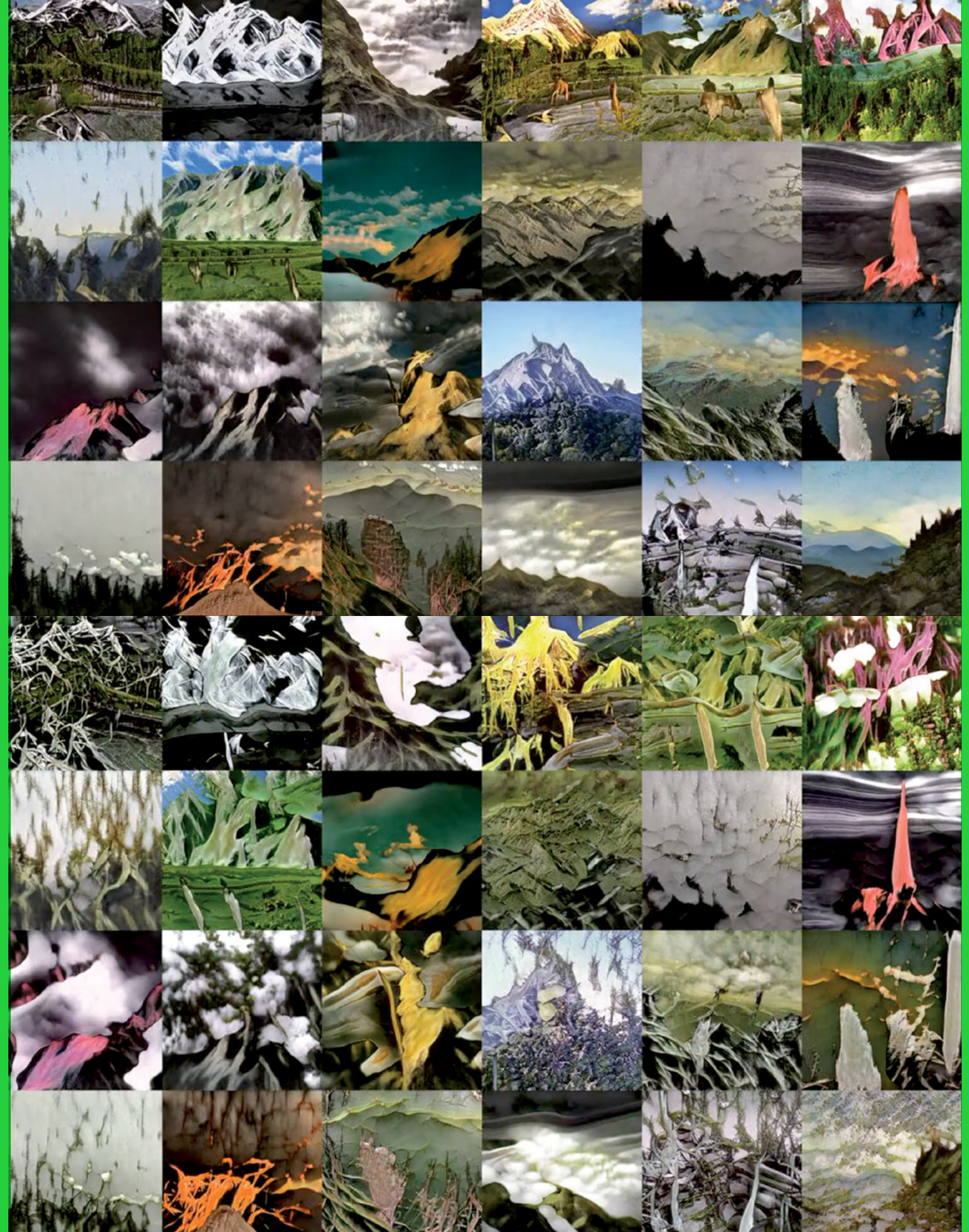
Errante é o resultado da combinação de todas as espécies de plantas nomeadas vulgarmente como “Judeu errante” em vários idiomas. Personagem de uma narrativa que faz parte da tradição oral da semana da Paixão desde o século XIII, a lenda do judeu errante associa os judeus ao martírio de Jesus Cristo e os conota como um povo amaldiçoado a vagar pela Terra sem descanso. Instrumentalizada pelo racismo científico do século XIX, a figura do judeu errante foi recorrente na propaganda nazista. Na filosofia contemporânea, contudo, o errante, o nômade, o desterritorializado é aquele que guarda a potência de forçar a desestabilização dos poderes centralizados e seus dispositivos de controle.

Wandering is the result of a combination of all the species of plants named collectively as “Wandering Jew” in various languages. The legend of the Wandering Jew, a character of the narrative that has been part of the oral tradition of Passion Week since the 8th century, associates Jews with the martyrdom of Jesus Christ and implies that they are a people cursed to wander the Earth without respite. Instrumentalized by the scientific racism of the 19th century, the figure of the Wandering Jew was recurrent in Nazi propaganda. In contemporary philosophy, however, the wanderer, nomad or deterritorialized is someone who has the potential to destabilize centralized powers and their mechanisms of control.

Imagens criadas com Inteligência Artificial (Style GAN2). Impressão jato de tinta sobre papel Hahnemühle.

Images created with Artificial Intelligence (Style GAN2). Ink jet print on Hahnemühle paper.

90 x 90 cm
2022



FLORA REBELLIS

JUDEUS
JEWS

Registro em vídeo do processamento generativo de imagens feitas com Inteligência Artificial a partir de plantas com nomes antissemitas.

Video recording of the generative imaging process using Artificial Intelligence based on plants with anti-Semitic names.

1024x1024px, 2'55", loop, monocanal / single chanel
2022

Série de vídeos generativos produzidos com Inteligência Artificial a partir de *datasets* (conjuntos de dados organizados) relativos a plantas dotadas de nomes ofensivos e preconceituosos contra mulheres, negros, judeus, indígenas e os povos rom, sinti e caló ("ciganos"). *Flora rebellis* parte de uma técnica concebida pelo cientista inglês Francis Galton (1822-1911), criador da eugenia, a fim de sintetizar fotograficamente o perfil genérico de grupos populacionais por ele considerados nefastos ao progresso da humanidade, como judeus, criminosos e pessoas com deficiências. Nesta série, esse mesmo exercício aponta para uma modalidade de engenharia reversa. Ao permitir que a Inteligência Artificial busque padrões internos entre plantas diferentes no interior de uma mesma categoria (judeus, mulheres, negros etc.), impede-se que o programa chegue a um resultado uniforme, incitando-o a rebelar-se contra suas próprias regras de funcionamento.

This series of generative videos was produced with Artificial Intelligence based on datasets of plants with offensive and prejudiced names for women, Blacks, Jews, indigenous people, Roma, Sinti and Calós ("gypsies"). *Flora rebellis* is based on a technique conceived by the English scientist Francis Galton (1822-1911), creator of eugenics, to photographically synthesize the generic profile of populations he considered harmful to the progress of humanity, such as Jews, criminals and people with disabilities. In this series, this same exercise points to a type of reverse engineering. By letting Artificial Intelligence search for internal patterns among the different plants inside the same category (Jews, women, Blacks, etc.), it blocks the program from arriving at a uniform result, encouraging it to rebel against its own rules of operation.

MULHERES WOMEN

Registro em vídeo do processamento generativo de imagens feitas com Inteligência Artificial a partir de plantas com nomes machistas.

Video recording of the generative imaging process using Artificial Intelligence based on plants with misogynist names.

1024x1024px, 2’55”, loop, monocanal / single chanel
2022

NEGROS BLACKS

Registro em vídeo do processamento generativo de imagens feitas com Inteligência Artificial a partir de plantas com nomes racistas.

Video recording of the generative imaging process using Artificial Intelligence based on plants with racist names.

1024x1024px, 2’55”, loop, monocanal / single chanel
2022

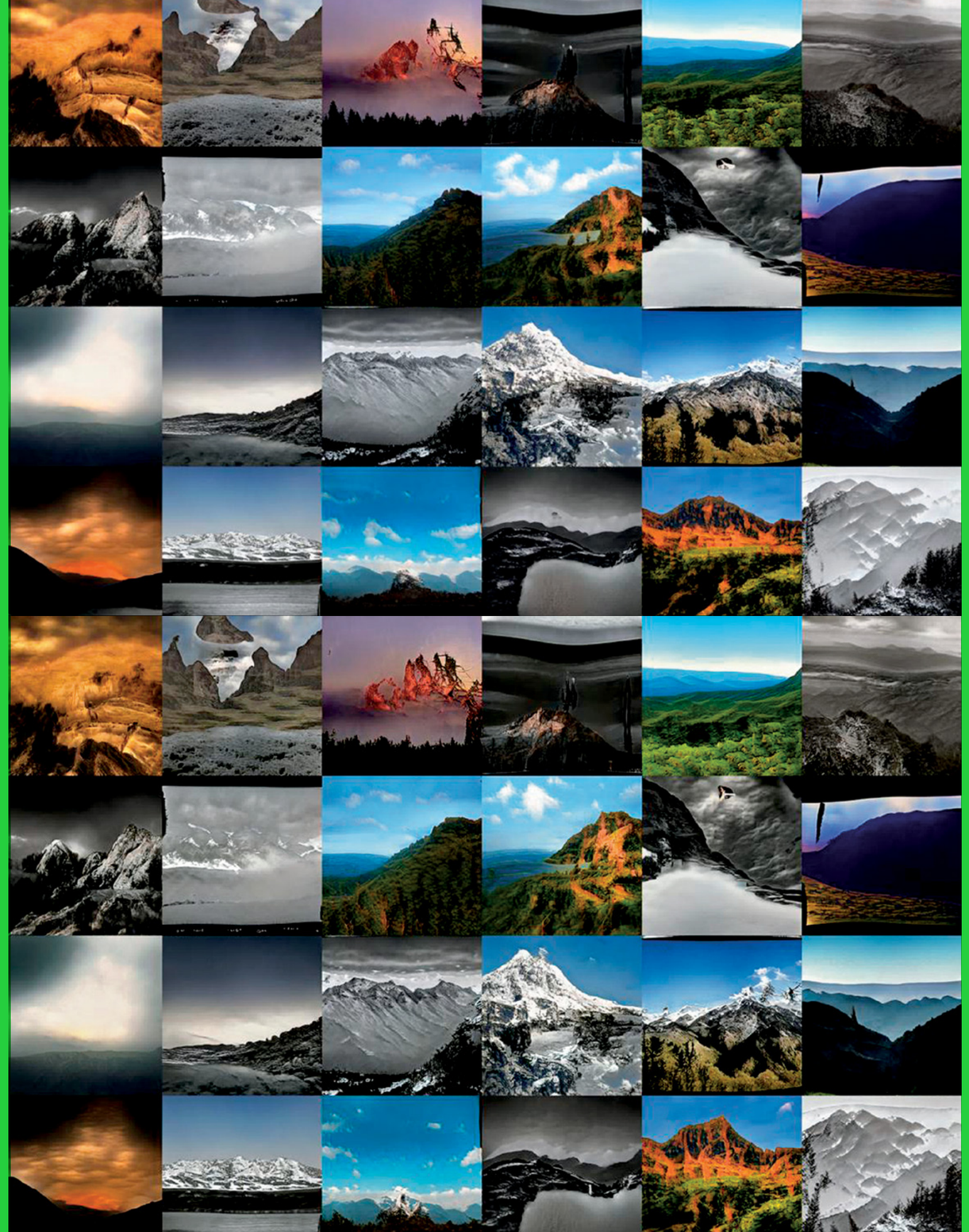
INDÍGENAS

INDIGENOUS PEOPLE

Registro em vídeo do processamento generativo de imagens feitas com Inteligência Artificial a partir de plantas com nomes ofensivos a indígenas.

Video recording of the generative imaging process using Artificial Intelligence based on plants with names that are offensive to indigenous people.

1024x1024px, 2’55”, loop, monocanal / single chanel
2022



[GISELLE BEIGUELMAN]

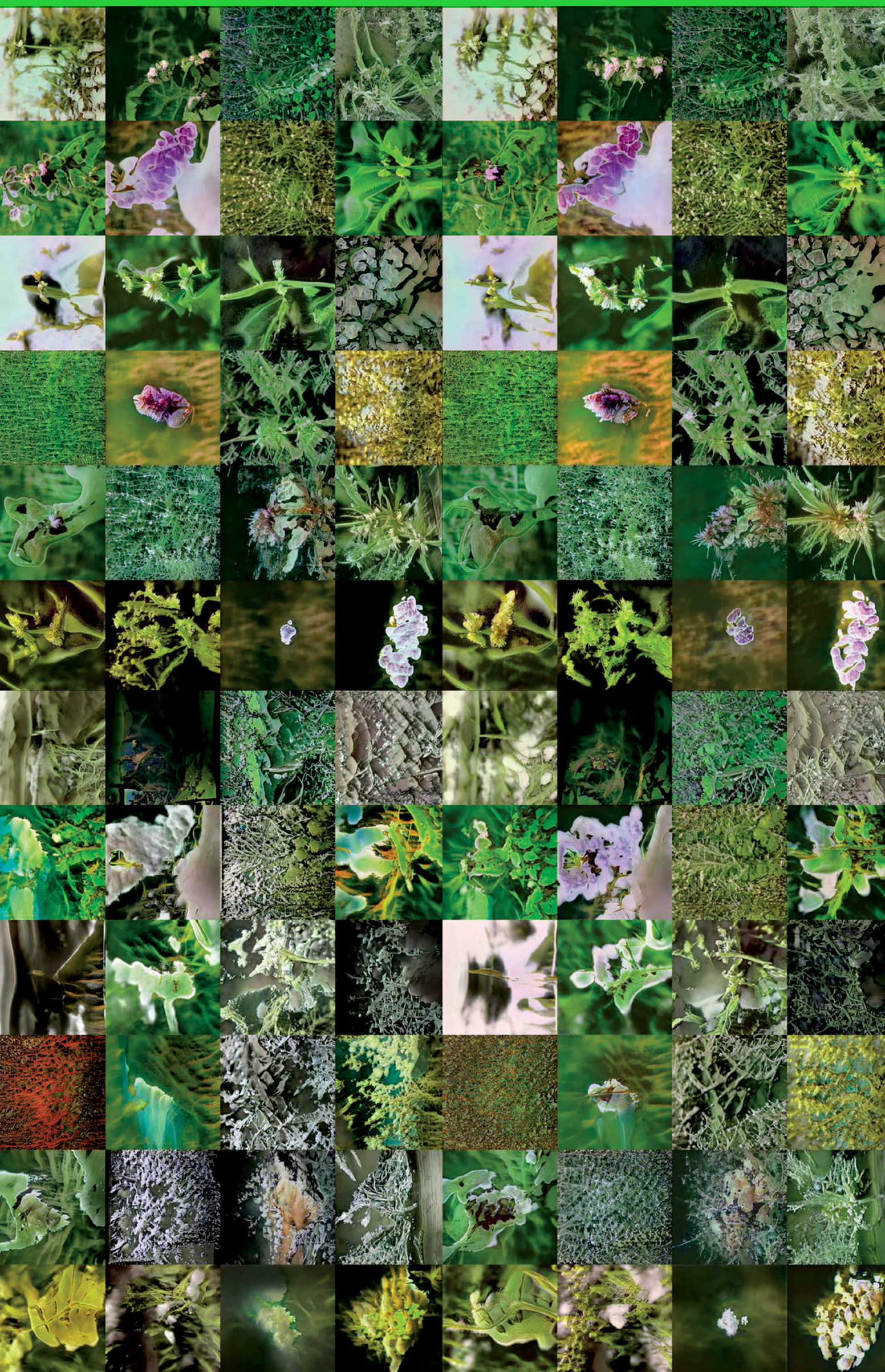
CIGANOS GYPSIES

Registro em vídeo do processamento generativo de imagens feitas com Inteligência Artificial a partir de plantas com nomes ofensivos aos povos rom, sinti e caló (“ciganos”).

Video recording of the generative imaging process using Artificial Intelligence based on plants with names that are offensive to Roma, Sinti and Calós people (“gypsies”).

1024x1024px, 2’55”, loop, monocanal / single chanel
2022

[GISELLE BEIGUELMAN]



FLORA MUTANDIS

TIACAOMOTLI
ACUAMTNS

Imagem criada com Inteligência Artificial (Style GAN2). Impressão jato de tinta sobre papel Hahnemühle.

Image created with Artificial Intelligence (Style GAN2). Ink jet print on Hahnemühle paper.

36 x 36 cm
2022

Série de imagens criada com Inteligência Artificial, resultante do cruzamento de espécies de plantas dotadas de nomes científicos e/ou vulgares ofensivos, os quais expressam preconceitos diversos, relativos a partes do corpo e traços culturais. A nomenclatura das espécies da série *Flora mutandis* foi gerada algoritmicamente a partir do embaralhamento dos nomes originais das espécies empregadas no processamento maquínico. O título da série faz referência à maior obra botânica sobre o Brasil (*Flora brasiliensis*, de Carl Friedrich von Martius, 1830) e à expressão latina *mutatis mutandis*: mudando o que tem de ser mudado.

This series of images was created using Artificial Intelligence, by crossing plant species with offensive common and/or scientific names that express different types of prejudice associated with body parts and cultural traits. The nomenclature of the species of the series Flora mutandis was generated algorithmically, based on a shuffling of the original names of the species submitted to the machinic processing. The title of the series refers to the most important work of botany made in Brazil (Flora brasiliensis, by Carl Friedrich von Martius, 1830) and to the Latin expression mutatis mutandis: changing what has to be changed.

HUOTRHCNI
AUPIDTNOAEOHGNOTIB

Imagem criada com
Inteligência Artificial
(Style GAN2). Impressão
jato de tinta sobre papel
Hahnemühle.

Image created with
Artificial Intelligence
(Style GAN2). Ink jet
print on Hahnemühle paper.

36 x 36 cm
2022

TAXECOMNCCLEUHICIRRBOUN
TEOSEA

Imagem criada com
Inteligência Artificial
(Style GAN2). Impressão
jato de tinta sobre papel
Hahnemühle.

Image created with
Artificial Intelligence
(Style GAN2). Ink jet
print on Hahnemühle paper.

36 x 36 cm
2022

MAOMAMT
ETINCARLIIUSTACO

Imagem criada com
Inteligência Artificial
(Style GAN2). Impressão
jato de tinta sobre papel
Hahnemühle.

Image created with
Artificial Intelligence
(Style GAN2). Ink jet
print on Hahnemühle paper.

36 x 36 cm
2022

[GISELLE BEIGUELMAN]

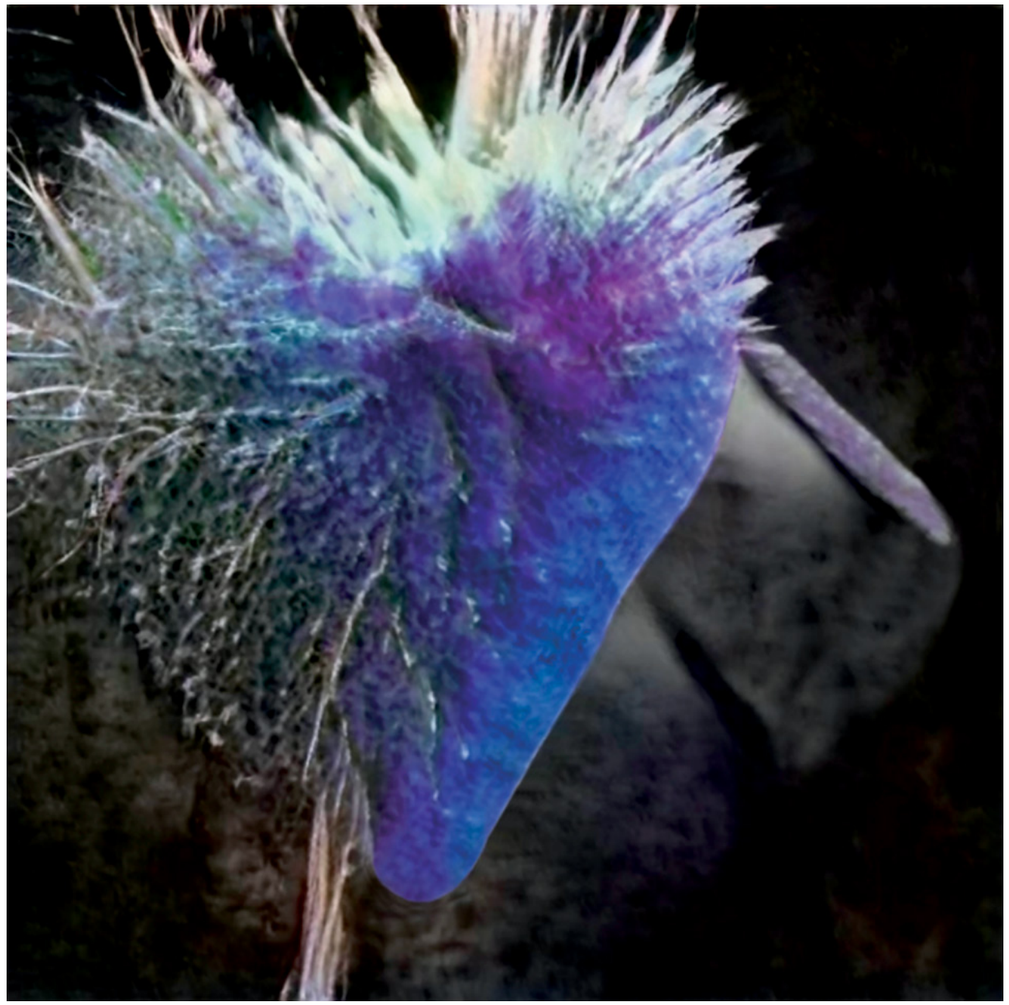
EOSMABTA
AITRALENOLUNNOH

Imagem criada com Inteligência Artificial (Style GAN2). Impressão jato de tinta sobre papel Hahnemühle.

Image created with Artificial Intelligence (Style GAN2). Ink jet print on Hahnemühle paper.

36 x 36 cm
2022

[GISELLE BEIGUELMAN]



BBEMORTEIOEAUNCSCAI
HNTEUHRNCTUGILO

Imagem criada com
Inteligência Artificial
(Style GAN2). Impressão
jato de tinta sobre papel
Hahnemühle.

Image created with
Artificial Intelligence
(Style GAN2). Ink jet
print on Hahnemühle paper.

36 x 36 cm
2022

[GISELLE BEIGUELMAN]

SIBINISI
ESSPRARPAEUBA

Imagem criada com
Inteligência Artificial
(Style GAN2). Impressão
jato de tinta sobre papel
Hahnemühle.

Image created with
Artificial Intelligence
(Style GAN2). Ink jet
print on Hahnemühle paper.

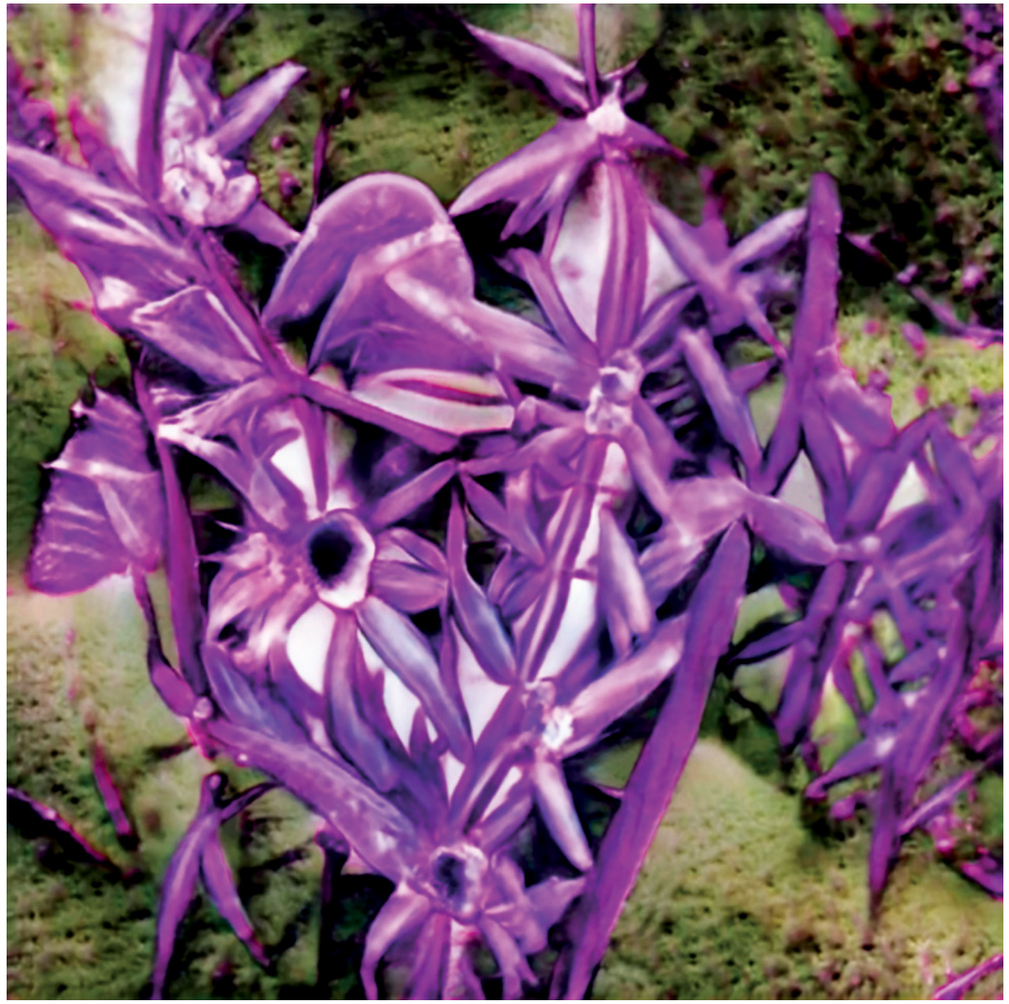
36 x 36 cm
2022

ANOHPECBREALYA
ISRMSUNSIADE

Imagem criada com
Inteligência Artificial
(Style GAN2). Impressão
jato de tinta sobre papel
Hahnemühle.

Image created with
Artificial Intelligence
(Style GAN2). Ink jet
print on Hahnemühle paper.

36 x 36 cm
2022



SANLMAUNLARCIAI
RUSA

Imagem criada com
Inteligência Artificial
(Style GAN2). Impressão
jato de tinta sobre papel
Hahnemühle.

Image created with
Artificial Intelligence
(Style GAN2). Ink jet
print on Hahnemühle paper.

36 x 36 cm
2022

SATRATNT
THEOTEN

Imagem criada com
Inteligência Artificial
(Style GAN2). Impressão
jato de tinta sobre papel
Hahnemühle.

Image created with
Artificial Intelligence
(Style GAN2). Ink jet
print on Hahnemühle paper.

36 x 36 cm
2022

RIOLLBIF
FFARKAA

Imagem criada com
Inteligência Artificial
(Style GAN2). Impressão
jato de tinta sobre papel
Hahnemühle.

Image created with
Artificial Intelligence
(Style GAN2). Ink jet
print on Hahnemühle paper.

36 x 36 cm
2022

NAFII
BAITDAKHRUM

Imagem criada com Inteligência Artificial (Style GAN2). Impressão jato de tinta sobre papel Hahnemühle.

Image created with Artificial Intelligence (Style GAN2). Ink jet print on Hahnemühle paper.

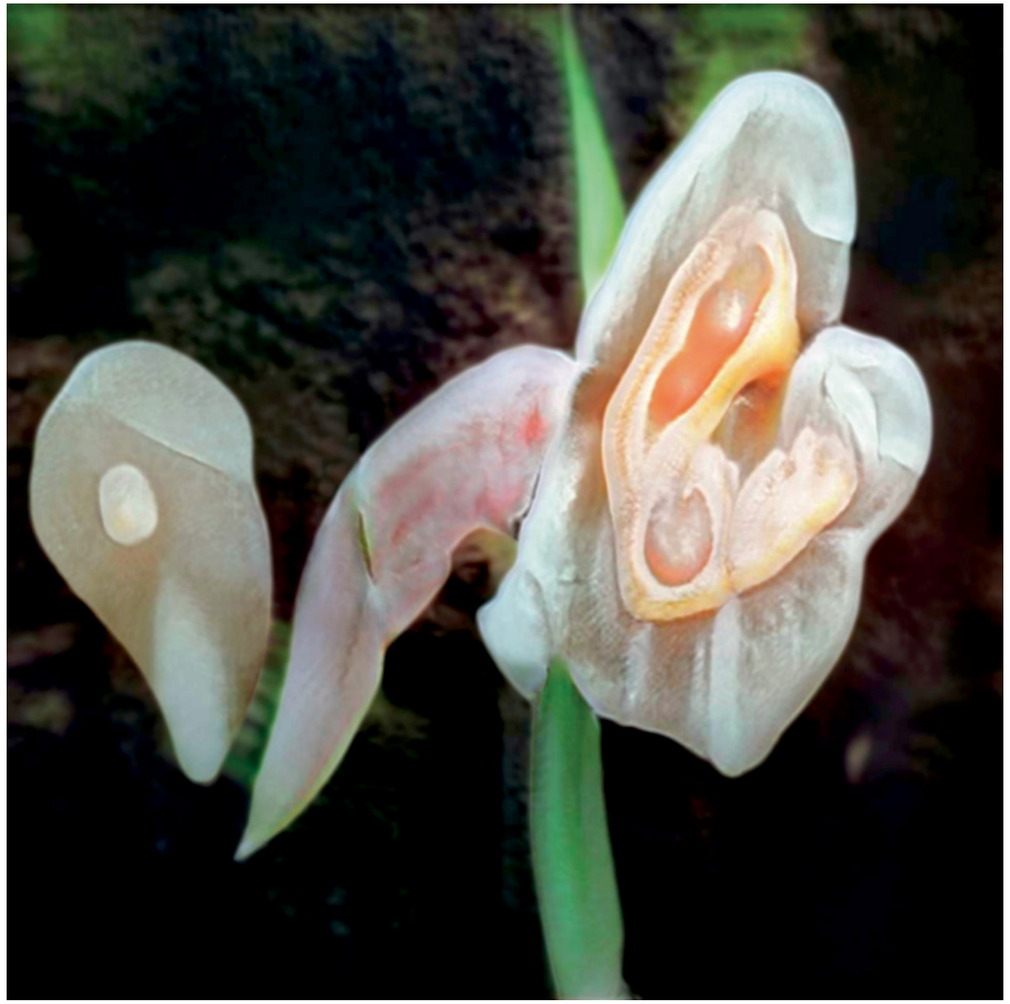
36 x 36 cm
2022

OEAN
AOMORPOENCTHO

Imagem criada com
Inteligência Artificial
(Style GAN2). Impressão
jato de tinta sobre papel
Hahnemühle.

Image created with
Artificial Intelligence
(Style GAN2). Ink jet
print on Hahnemühle paper.

36 x 36 cm
2022



PAROPAUTAETCI
DMATOSHLANCO

Imagem criada com Inteligência Artificial (Style GAN2). Impressão jato de tinta sobre papel Hahnemühle.

Image created with Artificial Intelligence (Style GAN2). Ink jet print on Hahnemühle paper.

36 x 36 cm
2022

AIRNAIMMYOIH
PSOESTSIPA

Imagem criada com
Inteligência Artificial
(Style GAN2). Impressão
jato de tinta sobre papel
Hahnemühle.

Image created with
Artificial Intelligence
(Style GAN2). Ink jet
print on Hahnemühle paper.

36 x 36 cm
2022

VYAHMXAR
PIESILLPTYHIUR

Imagem criada com
Inteligência Artificial
(Style GAN2). Impressão
jato de tinta sobre papel
Hahnemühle.

Image created with
Artificial Intelligence
(Style GAN2). Ink jet
print on Hahnemühle paper.

36 x 36 cm
2022

BNDEAMIDED
DUALOAMTANAT

Imagem criada com Inteligência Artificial (Style GAN2). Impressão jato de tinta sobre papel Hahnemühle.

Image created with Artificial Intelligence (Style GAN2). Ink jet print on Hahnemühle paper.

36 x 36 cm
2022

CSOSRAAR
SAPTPETEA

Imagem criada com Inteligência Artificial (Style GAN2). Impressão jato de tinta sobre papel Hahnemühle.

Image created with Artificial Intelligence (Style GAN2). Ink jet print on Hahnemühle paper.

36 x 36 cm
2022

Letreiros luminosos,
monocromáticos, verdes.

Led lighting signs,
monochromatic, green.

100 x 20 cm
70 x 20 cm
2022

A TAXONOMIA É UMA TECNOLOGIA DE PODER

TAXONOMY IS A TECHNOLOGY OF POWER

Botannica Tirannica é pontuada por uma sequência de frases que funcionam como rastros da longa pesquisa feita para a exposição. Situadas nos vãos das paredes, na altura do piso, no interior e exterior do seu jardim ou na saída da mostra, elas condensam possíveis chaves de leitura do espaço. Como *statements* conceituais, as frases são: “Toda erva daninha é um ser rebelde”; “A nomenclatura é um ritual de apagamento”; “A taxonomia é uma tecnologia de poder”; “E o que fica fora do padrão?”; “Mais Clorofila, Menos Cloroquina”.

Botannica Tirannica is punctuated by a series of phrases that serve as traces left by the extensive research carried out for the exhibition. Situated in openings in the walls, at floor height, in the interior and exterior of the garden area and at the exit of the exhibition, they abridge potential keys to understanding the space. As conceptual statements, the phrases are: “Every weed is a rebellious being”; “Nomenclature is a ritual of erasure”; “Taxonomy is a technology of power”; “But what about things that fall outside the pattern?”; “More Chlorophyll, Less Chloroquine”.

Estufa do Jardim Botânico de São Paulo, 2022.

Greenhouse of the São Paulo Botanical Garden, 2022.

UMA GENEALOGIA DO PRECONCEITO

A GENEALOGY OF PREJUDICE

Combinando imagens de arquivos diversos à reflexão crítica, o filme ensaio condensa a vasta pesquisa feita para a exposição *Botannica Tirannica* ao longo de um ano e meio. Peça chave do projeto, a obra discute as formas pelas quais o preconceito racial, cultural e de gênero se fundamenta cientificamente a partir do século XIX, contaminando o imaginário coletivo e desdobrando-se em linguagens, vocabulários e estéticas. Nessa imersão investigativa, revela-se um modo de ver e expressar o mundo, ainda presente em ciências de ponta, como o melhoramento genético de espécies vegetais e a Inteligência Artificial. Em seu conjunto, o filme interroga o espectro da eugenia racial e as possibilidades de consolidação de uma eugenia maquínica, conformada pelos sistemas de padronização.

The essay film, which combines images from different archives with critical reflection, condenses the vast research conducted over a year and a half for the exhibition Botannica Tirannica. A key piece of the project, the work discusses the forms through which racial, cultural and gender prejudice has become scientifically based since the 19th century, ultimately contaminating the collective imagination with ramifications in language, vocabulary and aesthetics. In this investigative immersion, a way of seeing and expressing the world is revealed, one still present in cutting-edge sciences, such as the genetic improvement of plant species and Artificial Intelligence. As a whole, the film questions the spectrum of racial eugenics and the possibility of consolidation of machine eugenics, as assimilated into systems of standardization.

ENSAIO AUDIOVISUAL
FILM ESSAY

NARRAÇÃO
NARRATION
Ricardo, Vitória, Fernando
robôs de IA / AI robots

SOM DE FUNDO
BACKGROUND SOUND
Áudio captado pelo Helicóptero Ingenuity, da Nasa, em sua trajetória da Terra rumo a Marte, em 2021.

Audio captured by NASA's Mars Helicopter, Ingenuity, on its journey from Earth to Mars, in 2021.

16:9, color,
Full HD, stereo, 14'', loop
2022

JARDIM DA RESILIÊNCIA

GARDEN OF RESILIENCE

COLABORAÇÃO
COLLABORATION
Bruno Araújo

2022

Jardim composto por variadas espécies de plantas, em sua maioria ditas “daninhas”, portadoras de nomes ofensivos, misóginos, racistas e antissemitas. Resilientes e resistentes, estas espécies desafiam o imaginário colonialista presente nos processos de classificação e dominação da natureza, confrontando nomenclaturas que antropomorfizam características humanas, binarismos de gênero e preconceitos.

A garden composed of various species of plants, mostly “weeds”, with offensive, misogynist, racist and anti-Semitic names. Resilient and resistant, these species challenge the colonialist imagination present in the process of classification and domination of nature, in confrontation with nomenclature that anthropomorphizes human characteristics, gender binarism and prejudices.

TODA ERVA DANINHA É UM SER REBELDE

EVERY WEED IS A REBELLIOUS BEING

COLABORAÇÃO
COLLABORATION
Maria Cau Levy

Intervenção urbana,
lambe-lambe e pintura.

Urban intervention,
posters and painting.

12 x 11,30 m
2022

Se fosse necessário resumir *Botannica Tirannica* em uma frase, ela seria: "Toda erva daninha é um ser rebelde". Síntese da rebeldia e resiliência em jogo na exposição, o dizer condensa as prerrogativas do projeto e da mostra. Como as ervas amaldiçoadas pelo extrativismo colonialista, a frase vaza do espaço expositivo para os *Jardins da resiliência* e se derrama no muro que se avista das vidraças do Museu Judaico de São Paulo, emaranhando o dentro e o fora, a vida da cidade ao mote principal da exposição.

If one had to sum up *Botannica Tirannica* in a single phrase, it would be: "Every weed is a rebellious being". In summarizing the defiance and resilience in play in the exhibition, the phrase condenses the prerogatives of the project and the exhibition. Like the sorts of weed cursed by colonial extractivism, the phrase spills out from the exhibition space, into the *Gardens of resilience* and onto the wall visible from the windows of the Museu Judaico de São Paulo, entangling the inside with the outside, the life of the city with the main theme of the exhibition.

[BOTANNICA TIRANNICA] [89] [TODA ERVA DANINHA É UM SER REBELDE] [EVERY WEED IS A REBELLIOUS BEING] [GISELLE BEIGUELMAN]

LABORATÓRIO LAB

Botannica Tirannica é um projeto laboratorial. Todas as etapas da exposição foram discutidas com um grupo de colaboradores. A expografia de Helena Cavalheiro, o design de Maria Cau Levy e a iluminação de Fernanda Carvalho integraram o processo de criação. O artista convidado Bruno Araújo participou desde o início da pesquisa, e com ele foram enraizadas as ideias para os jardins. Não menos importantes foram as conversas com Ricardo Van Steen, autor das aquarelas, e Gabriel Francisco Lemos, compositor da paisagem sonora. O "laboratório *Botannica Tirannica*" é fruto, também, da interlocução com as equipes do Museu Judaico de São Paulo, especialmente a coordenadora Mariana Lorenzi, o diretor executivo, Felipe Arruda, e o núcleo de educação e participação. A curadora Ilana Feldman foi uma espécie de *hub* do processo, articulando os procedimentos que se criavam por meio de parcerias provisórias.

Botannica Tirannica is a laboratorial project. All the steps for the exhibition were discussed collectively among a group of collaborators. The expography by Helena Cavalheiro, the design by Maria Cau Levy, and the lighting by Fernanda Carvalho were part of the process of creating the work. From the outset, the guest artist Bruno Araújo has participated in the project, and with him the ideas for the garden grew roots. Not less important were the dialogues with Ricardo Van Steen, author of the watercolors, and with Gabriel Francisco Lemos, that composed the soundscape. The "Botannica Tirannica lab" results from a dialogue with the Museu Judaico de São Paulo teams, especially the coordinator Mariana Lorenzi, the executive director, Felipe Arruda, and the educational teams. The curator Ilana Feldman was a kind of hub of the process, articulating the procedures created through the temporary partnerships.

RICARDO VAN STEEN

Aquarela e grafite sobre papel de algodão 300g

Watercolor and graphite on cotton paper 300g

149 x 45 cm
2022

AQUARELAS
WATERCOLORS

A ilustração botânica constituiu ao longo da história uma estética da natureza e da vida que isola o detalhe e subtrai o contexto do objeto retratado. São notáveis os artistas que rompem esse cânone, como os alemães Maria Sibylla Merian (1647-1717) e Ernst Haeckel (1834-1919), que integraram a vida dos insetos ou de microrganismos em seus desenhos, muitas vezes recorrendo à justaposição de imagens. Nas aquarelas de Ricardo Van Steen, esse método é recuperado, agrupando plantas díspares, que se unificam a partir dos preconceitos embutidos em seus nomes científicos e/ou vulgares, relativos a judeus, mulheres, negros, indígenas e os povos rom, sinti e caló ("ciganos").

Throughout history, botanical illustration has created an aesthetic of nature and life that isolates detail and subtracts the context of the object depicted. Noteworthy are the artists who broke with this canon, such as the Germans Maria Sibylla Merian (1647-1717) and Ernst Haeckel (1834-1919), who have integrated the life cycle of insects and microorganisms into their etchings, often making use of juxtapositions of images. In the watercolors by Ricardo Van Steen, this method is revived by grouping disparate plants, which are gathered based on prejudices embedded in their scientific and/or common names against Jews, women, Blacks, indigenous people, Roma, Sinti and Calós. As a whole, they underline the strategies of art and science to test the limits between the real and the fictitious, imitation and imagination.

PAISAGEM SONORA
SOUNDSCAPE

Para o projeto *Botannica Tirannica*, o artista e compositor Gabriel Francisco Lemos criou uma composição algorítmica generativa. Em tempo real, a música se desenvolve como uma paisagem sonora, que se transforma continuamente, usando um método análogo ao empregado nas séries de imagens e vídeos criadas com Inteligência Artificial para este projeto. A experiência acústica é fruto da correspondência entre a dimensão da sala onde os trabalhos estão expostos e as frequências harmônicas da composição.

For the *Botannica Tirannica* project, the artist and composer Gabriel Francisco Lemos developed a generative algorithmic composition. In real time, the music creates a continually transforming soundscape, using a method analogous to the one employed in the series of images and videos created with Artificial Intelligence for this exhibition. The acoustic experience is the result of the correspondence between the dimensions of the room where the works are exhibited and the harmonic frequencies of the composition.

JARDINS
GARDENS

Para os jardins de *Botannica Tirannica*, Bruno Araújo fez uma minuciosa pesquisa de sistemas de irrigação, substratos, materiais e modos de vida das plantas. Foi preciso compreender as possibilidades de convivência entre as diferentes espécies, a adequação de seu desenvolvimento às intempéries e às temperaturas do ar condicionado, sua demanda de água e nutrientes em condições tão adversas como uma avenida de tráfego intenso e a penumbra do espaço expositivo. Por meio de cuidados semanais, as plantas não só sobreviveram às adversidades impostas como cresceram, transbordaram os limites de seus vasos e organizaram seus territórios, daninhando, firmes e fortes, o mundo em que se infiltram e resistem.

For the gardens of *Botannica Tirannica*, Bruno Araújo undertook a detailed research of irrigation systems, substrates, materials and ways of life of plants. He needed to understand the possibilities for coexistence between the different species, how their development would adjust to the external elements and the temperatures of air-conditioning, their requirements for water and nutrients in conditions as adverse as an avenue with intense traffic or the shade of the exhibition space. With weekly care, the plants not only survived the adversities imposed but grew, overflowing their vases and organizing their territories, spreading firm, strong weeds into the world where they infiltrate and resist.

PROJETO EXPOGRÁFICO
EXHIBITION DESIGN

Desenvolvido por Helena Cavalheiro, o projeto expográfico compreendeu a concepção espacial geral da exposição e o mobiliário específico para cada obra. Explorando a forma heptagonal do espaço do Museu e sua relação com a Cabala e os 7 dias da criação bíblica, a expografia estruturou-se a partir de um núcleo em forma circular instalado no centro do heptágono. Ali, conjugando um sistema de estantes industriais e acessórios criados especialmente para a instalação, o *Jardim da resiliência* propôs um diálogo entre a tradição cenográfica do museu de história natural e a ambientação de laboratórios de pesquisa tecnológica contemporâneos.

Developed by Helena Cavalheiro, the exhibition design covered the overall spatial concept of the show and the specific furnishings for each work of art. Exploring the heptagonal shape of the Museum and its relation to the Kabbalah and the 7 days of biblical creation, the layout was structured around a circular cluster installed in the center of the heptagon. There, merging with a system of industrial shelves and accessories created especially for the installation, the *Garden of Resilience* proposes a dialogue between the scenographic tradition of natural history museums and the ambience of contemporary tech research laboratories.

ILUMINAÇÃO
LIGHTING

O desenvolvimento do projeto *Botannica Tirannica* envolveu um processo laboratorial de pesquisa e inúmeros testes. Ao longo de um semestre, discutiram-se as possibilidades de implantação de um jardim no espaço expositivo, em diálogo com obras criadas por procedimentos maquínicos, como a Inteligência Artificial. A iluminação proposta por Fernanda Carvalho combina soluções que buscam dar conforto e visualidade às obras e às plantas, investindo em soluções de baixo custo que refletem os arranjos entre *high tech* e *low tech* presentes no contexto expositivo como um todo.

Development of the *Botannica Tirannica* project involved a laboratorial process of research and extensive testing. For over half a year, the possibilities for installing a garden in the exhibition space, in dialogue with the work created with machine procedures, such as Artificial Intelligence, were discussed. The lighting proposed by Fernanda Carvalho combines solutions in an effort to provide comfort and visuality to the works and plants, investing in low-cost solutions that reflect the high- and low-tech arrangements present in the exhibition context as a whole.

IDENTIDADE VISUAL
VISUAL IDENTITY

A identidade visual da exposição *Botannica Tirannica* procurou estabelecer um diálogo crítico entre a linguagem do museu de ciências naturais e a linguagem digital. Para criar unidade entre diferentes temporalidades (clássica e contemporânea) e universos (real e virtual), Maria Cau Levy explorou cores contrastantes como o verde neon e o verde militar, e tipografias criadas em momentos históricos distintos: Baskerville, fonte de 1757 que remonta aos primórdios das impressões gráficas; NB Typewriter, uma fonte monoespaçada criada em 2012 que remete à linguagem da codificação digital; e GT Walsheim, de 2010, de geometria suave e arredondada, sinalização a outro futuro, distinto do presente denunciado pela exposição.

The visual identity of the exhibition *Botannica Tirannica* aimed to establish a critical dialogue between the language of natural science museums and digital language. In order to create unity between the different temporalities (classic and contemporary) and universes (real and virtual), Maria Cau Levy explored contrasting colors, such as neon green and military green, and typefaces created at different points in history: Baskerville, a typographic family from 1757 that alludes to the earliest beginnings of printing; NB Typewriter, a monospaced font family created in 2012 that alludes to the language of digital coding; and GT Walsheim, from 2010, with smooth rounded geometry, a sign of another future, different from the one denounced by the exhibition.

[BOTANNICA TIRANNICA] [96] [EXPOSIÇÃO]

[EXHIBITION] [GISELLE BEIGUELMAN]

EXPOSIÇÃO

EXHIBITION

HUOTRION AUREOMACOMOTE

TECOMANTI LAMINATA

SANSEVIERIA ROSA PUGA

TAYLOMANICCLEUHORSSOLIA TEOSEA

PHOPHYLLECTI DIMITORIFLORO

MAIMAMMI ETNOMALTERTICO

BIG LEIS TFARMA

EOSMASTA ASTRALENCOLUMNOI

RHOFAMIDEO DUALCAUTIFAST

DIGINO ESSPERARNEURA

ASPARAMYCIN PROESTSPA

EXPRATNT THEOSEN

Plantas e fitoterápicos com nomes preconceituosos

va dar
BOTANICA TIRANNICA
E OS INDÍGENAS

apagame

Plantas e fitoterápicos com nomes preconceituosos

A nomenc

o que fica !
BOTANNICA TIRANNICA

Eoga

[BOTANNICA TIRANNICA] [112] [PESQUISA]

PESQUISA

[RESEARCH] [GISELLE BEIGUELMAN]

RESEARCH

A COLONIALIDADE DA NOMENCLATURA

THE COLONIALITY OF NOMENCLATURE

A nomenclatura é a palavra-chave do sistema taxonômico que o botânico e zoólogo sueco Carlos Lineu (1707-1768) sistematizou. Concebida na língua culta europeia da época, o latim, foi a primeira estratégia de apagamento das culturas dos povos originários. Longe de serem neutros, os nomes espelham preconceitos não apenas naquilo que designam diretamente (como *Auricularia auricula-judae* ou Orelha-de-judeu), mas também em seu uso, como é o caso da *Dumb cane* (cachaça de mudo), nossa Comigo-ninguém-pode. A planta era usada nas *plantations* de açúcar do Caribe para torturar os escravizados que se revoltavam. Venenosa, provoca dificuldade de fala e locomoção ao ser ingerida.

Não foi diferente aqui, neste nosso paradoxal "país-planta", que homenageia uma árvore (Pau-Brasil) e incendeia florestas até hoje. No Jardim Botânico do Rio de Janeiro, D. João VI plantou a primeira Palmeira-imperial do Brasil. Conhecida como *Palma mater*, supostamente deu origem a todas as palmeiras dessa espécie no Brasil. Símbolo do poder monárquico, as Palmeiras-imperiais eram traficadas pelos escravizados, que engoliam as sementes e as armazenavam em suas fezes.

Boa parte de nossas palmeiras deve ser filha dessa subversão silenciosa dos escravizados e carrega as memórias da resistência dos negros aos desmandos da casa-grande.

A *Palma mater* não sobreviveu à natureza tropical. Em 1972, no auge da ditadura, foi fulminada por um raio. Não se sabe se o acidente meteorológico foi obra dos espíritos dos desaparecidos políticos ou dos mortos enterrados no cemitério de escravos, que ficava no terreno hoje ocupado pelo Jardim Botânico.

A dominação colonialista, apesar dos seus intentos, nunca é total. Que o diga a botânica rebelde dos movimentos LGBTQIA+ e a transformação que promovem dos nomes ofensivos em símbolos de suas lutas.

Busto de D. João VI no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, onde foi plantada a primeira Palmeira-imperial do Brasil.

Bust of D. João VI in the Botanical Garden of Rio de Janeiro, where the first Imperial Palm tree in Brazil was planted

Nomenclature is the keyword of the taxonomic system that the Swedish botanist and zoologist Carl Linnaeus (1707-1768) systematized. Conceived in the cultured European language of the time, Latin, this was the first strategy of erasure of the cultures of original peoples. Far from being neutral, the names spread prejudice through what they directly designate (such as Auricularia auricula-judae or Jew's ear), and also through their use, such as Dumb cane. This plant was used on sugar plantations of the Caribbean to torture slaves that revolted. If ingested, its poison resulted in difficulty in speaking and walking.

It was no different here, in our paradoxical "plant-country," which honors a tree (Pau Brasil) and burns forests to this day. In the Botanical Garden of Rio de Janeiro, Dom João VI planted the first Imperial Palm of Brazil. Known as Palma mater, it supposedly gave rise to all the palms of this species in Brazil. A symbol of monarchical power, imperial palms were trafficked by slaves, who swallowed their seeds and stored them in their feces.

Many of our palms are the progeny of this silent subversion of the slaves and carry the memories of resistance of the blacks to the abuses of the plantation house.

The Palma mater, however, did not survive nature. In 1972, at the height of the dictatorship, it was struck by lightning. It is not known whether the meteorological accident was the work of the spirits of activists who disappeared under the regime or of the dead buried in the cemetery of the slaves, which was situated in the area today occupied by the Botanical Garden.

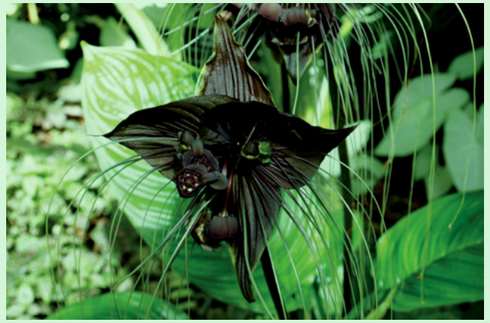
Colonial domination is never complete, despite its intent, as the rebellious botany of the LGBTQIA+ movements show, transforming offensive names into symbols of their struggles.

[JUDEUS]
NOMES ANTISSEMITAS

[JEWS]
ANTI-SEMITIC NAMES

THUNBERGIA MYSORENSIS
SAPATINHO-DE-JUDIA
[JEWISH WOMAN'S SHOE] LADY'S SLIPPER VINE

TRADESCANTIA ZEBRINA
JUDEU ERRANTE
WANDERING JEW



TACCA CHANTRIERI
[BARBA-DE-JUDEU] FLOR-MORCEGO
JEWS' BEARD

CERCIS SILIQUASTRUM
ÁRVORE-DE-JUDAS
JUDAS' TREE

PHYSALIS ALKEKENGI
[CEREJA-DE-JUDEU] FISÁLIS
JEW'S CHERRY. [JUDEN KIRSCH]

XYLOSMA CILIATIFOLIA
COROA-DE-CRISTO
[CROWN OF CHRIST]

[MULHERES]
NOMES MACHISTAS

[WOMEN]
MISOGYNIST NAMES

ECHINOCACTUS GRUSONII
CADEIRA-DE-SOGRA
MOTHER-IN-LAW'S CUSHION

PSYCHOTRIA ELATA
BEIJO-DE-PUTA
HOOKER LIPS

ANGULOA VIRGINALIS
VIRGINALIS [LAT.]
[ANGULOA VIRGINAL] ORQUÍDEA BEBÊ-NO-BERÇO
VIRGINAL ANGULOA

CLITORIA TERNATEA
CLITÓRIA
[CLITORIS] ASIAN PIGEONWINGS

SOLANUM MAMMOSUM
PEITO-DE-MOÇA
NIPPLEFRUIT

THUNBERGIA ALATA
BUNDA-DE-MULATA
[MULATTO GIRL'S BOTTOM] BLACK-EYED SUSAN

[BOTANNICA TIRANNICA] [117] [A COLONIALIDADE DA NOMENCLATURA] [THE COLONIALITY OF NOMENCLATURE] [GISELLE BEIGUELMAN]

[NEGROS]
NOMES RACISTAS

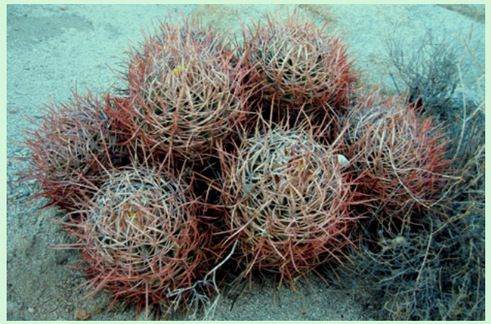
[BLACKS]
RACIST NAMES

DIEFFENBACHIA SEGUINE
[CACHAÇA-DE-MUDO] COMIGO-NINGUÉM-PODE
DUMB CANE[1]

TANACETUM VULGARE
CATINGA-DE-MULATA
[MULATTO GIRLS STINK] TANSY

ERYTHRINA CAFFRA
KAFFIR [ENG <> AR.][2]

BERTHOLLETIA EXCELSA
[DEDO-DE-NEGRO] CASTANHA-DO-PARÁ
NIGGER TOE



ECHINOCACTUS POLYCEPHALUS
[CABEÇA-DE-CRIOULO]
NIGGERHEAD CACTUS

RHODOCHITON ATROSANGUINEUM
[PINTO-DE-NEGRO]
BLACK MAN'S WILLY

[CIGANOS]
NOMES RACISTAS

[GYPSIES]
RACIST NAMES

CYNOGLOSSUM OFFICINALE
FLOR-CIGANA
GYPSY FLOWER

DIPSACUS FULLONUM
[PENTE-DE-CIGANO]
GYPSY COMBS

SENECIO JACOBSENII
TRANÇA-DE-CIGANA
[GYPSY BRAID] WEEPING JADE

MEMORA PEDUNCULATA
CIGANINHA-DO-CERRADO
[LITTLE GYPSY]

VERONICA OFFICINALIS
[PRAGA-CIGANA]
GYPSY WEED

LYCOPUS EUROPAEUS
[ERVA-CIGANA] MARROIO-DE-ÁGUA
GYPSYWORT

[INDÍGENAS]
NOMES RACISTAS

[INDIGENOUS PEOPLE]
RACIST NAMES

ILEX VOMITORIA
VOMITORIA [LAT.] VÔMITO[3]
[VOMIT]

CASEARIA SYLVESTRIS
CHÁ-DE-BUGRE[4]
[BUGRE TEA]

DODECATHEON MEADIA
[CHEFE-ÍNDIO]
INDIAN CHIEF

PITHECELLOBIUM ARBOREUM
BRINCO-DE-ÍNDIO
[INDIAN EARRING]

CYPRIPEDIUM PARVIFLORUM
[SAPATO-AMARELO-DE-ÍNDIO]
YELLOW INDIAN SHOE

MONOTROPA UNIFLORA
[CACHIMBO-DE-ÍNDIO]
INDIAN PIPE

[PLANTAS QUEER]

[QUEERED PLANTS]

VIOLA TRICOLOR
AMOR-PERFEITO [MARICAS]
PANSY CRAZE

SAINTPAULIA
VIOLETA[FLOR DE SAFO][5]
SAPHIC FLOWER

DIANTHUS CARYOPHYLLUS
CRAVO-VERDE
GREEN CARNATION

LAVANDULA ANGUSTIFOLIA
LAVANDA
LAVENDER

Quando o nome popular em português não coincide com o do inglês, a tradução literal aparece entre colchetes.

1 Veneno usado para imobilizar pessoas escravizadas.

2 Termo genérico para negros usado pelos colonizadores e durante o apartheid africano.

3 O nome latino vem da crença europeia equivocada de que a planta causava vômitos em certas cerimônias indígenas.

4 Bugre é um termo pejorativo equivalente a “selvagem” usado para ofender indígenas.

5 Flor de Safo, poeta grega que vivia na ilha de Lesbos.

When popular names used in Portuguese and English are not equivalent, translations of the offensive names are listed between brackets.

1 Poison used to immobilize slaves.

2 Generic name for blacks used by the colonizers and during African apartheid.

3 The Latin name comes from an incorrect belief by Europeans that the plant caused vomiting in certain indigenous ceremonies.

4 Bugre would be the same as calling someone a savage. It is a word used in a pejorative sense, to offend an indigenous person.

5 Sappho, Greek poet who lived on the island of Lesbos.

BOTANNICA TIRANNICA: HISTÓRIAS DE UM ECOSSISTEMA ERRANTE EM SETE ATOS

STORIES OF A WANDERING ECOSYSTEM IN SEVEN ACTS

GISELLE BEIGUELMAN

[PREÂMBULO]
O JARDIM SEM ESPÉCIES

O mais famoso jardim do mundo, o Jardim do Éden, talvez nunca tenha existido. E se existiu, certamente não foi na forma da história traumática que marca a cosmogonia judaico-cristã com a expulsão do Paraíso. Fato ou ficção, o que importa lembrar não é tanto a famosa narrativa do fruto proibido da Árvore do Conhecimento que encantou Eva (viva ela!), mas que o seu centro era ocupado por uma curiosa árvore – a Árvore da Vida – cuja espécie não é definida na Bíblia.[1]

Cientistas, filólogos e religiosos debatem em textos diversos se era ela uma ghaf (*Prosopis cineraria*) ou uma tamareira (*Phoenix dactylifera*) e contabilizam quantas espécies são citadas no Velho e no Novo Testamento. Uma empreitada bastante difícil, haja vista que nos saberes tradicionais a planta não é uma coisa em si e seus nomes dizem respeito aos usos, aos grupos, aos momentos e aos contextos.

Prevalece nas escrituras sagradas, pelo menos no que tange às plantas, a lógica caleidoscópica que Lévi-Strauss identifica entre os povos indígenas e que pressupõe "modelos de inteligibilidade provisórios".

Bastante distintas, as duas espécies que a ciência identificou como ghaf e tamareira, têm, porém, um ponto comum. Ambas sobrevivem nas situações mais adversas, como a falta de água e os terrenos arenosos.

A ghaf tem uma impressionante capacidade de manter-se frondosa e verde, a despeito do inóspito clima árido ao qual pertence. Seu exemplar mais conhecido tem mais de 400 anos. Com cerca de 9 metros de altura, a árvore está plantada no deserto de Barein, onde se especula que ficava o mítico Éden e que recebe dezenas de milhares de turistas todos os anos.

[PREFACE]
THE GARDEN WITH NO SPECIES

The world's most famous garden, the Garden of Eden, perhaps never existed. And if it did, it certainly wasn't as in the traumatic story that marks Judeo-Christian cosmogony with the expulsion from paradise. Whether fact or fiction, what is important to remember is not the famous narrative of the forbidden fruit from the Tree of Knowledge that enchanted Eve (hooray for her!), but that its center was occupied by a strange tree—the Tree of Life—whose species is not specified in the Bible.[1]

Scientists, philosophers and religious scholars have debated in their writings whether it was a ghaf (*Prosopis cineraria*) or a date palm (*Phoenix dactylifera*) and have taken inventory of how many species are cited in the Old and New Testaments. A pretty difficult undertaking, given that according to traditional knowledge a plant is not a thing in and of itself, and its names refer to its uses, groups, moments and contexts.

What prevails in the sacred scriptures, at least concerning to plants, is the kaleidoscopic logic that Lévi-Strauss identified among the indigenous peoples, which presupposes models of provisional intelligibility.

The two species that science has identified as the ghaf and the date palm are quite distinct, but have one thing in common: both survive in the most adverse conditions, such as lack of water and in sandy soils.

The ghaf has an impressive ability to remain green and leafy despite the inhospitable arid climate it inhabits. The best-known ghaf is over 400 years old. The tree, which is 9 meters tall, is planted in the Bahrain desert, where the mythical Eden is speculated to have been

Na mitologia judaica, a tâmara é um símbolo de beleza, prosperidade e regeneração, que transforma o amargo em doce. Isso, dizem os cabalistas, está inscrito no seu próprio nome, formado pelas palavras *tam* (completo, finalizado) e *mar* (amargo). A interpretação remete também à resiliência de Tamar, personagem bíblica que enviuvou duas vezes dos filhos do mesmo homem e por isso foi mandada de volta para a casa do pai. Ao ser enganada pelo sogro, Judá, que não a casou com seu terceiro filho quando este chegou à maturidade, disfarçou-se de prostituta, engravidou e casou-se com ele, livrando-se do estigma de sofredora amaldiçoada. Xeque-mate nos machistas em pleno Gênesis.

Na cultura muçulmana, a tâmara é um símbolo de prosperidade e hospitalidade, e tem também conotação religiosa, além de funções medicinais. Quebra-se o jejum do Ramadan com três tâmaras, e a fruta é mencionada 23 vezes no Alcorão. Costuma-se em alguns países comer uma tâmara antes do café da manhã, e há quem diga que uma tâmara é capaz de dar energia para um beduíno caminhar 3 dias.

A árvore da tâmara é uma palmeira que leva até 80 anos para frutificar. Um conhecido provérbio árabe diz: "Quem planta tâmaras, não colhe tâmaras". O provérbio milenar enuncia uma generosidade ecológica precoce, ciente de que o cultivo e o cuidado dizem respeito não ao presente, mas ao futuro de quem nos sucederá. Curioso pensar que raciocínio semelhante está presente na lei judaica que prescreve "Não destruirás", proibindo que se derrubem árvores frutíferas.

Há dúvidas se a origem da palavra (tamar, tâmara) vem da língua árabe ou do hebraico. Nas duas ela o tem o mesmo nome com poucas diferenças de pronúncia. Seus significados, contudo, transcendem a relação direta com a planta e seu fruto. Se há algo a comemorar da

located, and receives tens of thousands of tourists annually.

In Jewish mythology, the date palm symbolizes beauty, prosperity, and regeneration, which turns bitter into sweet. This, say the Kabbalists, is inscribed in its original Hebrew name, formed by the words tam (complete, finalized) and mar (bitter). The interpretation also alludes to the resilience of Tamar, a biblical character who was widowed twice by the sons of the same man and, for this reason, was sent back to the house of her father. After being deceived by Judah, her father-in-law, who did not marry her to his third son when he came of age, she disguised herself as a prostitute, became pregnant and married him, freeing herself of the stigma of being cursed. A blow to the chauvinists in the Book of Genesis.

In Muslim culture, the date is a symbol of prosperity and hospitality, and also has religious connotations, in addition to medicinal uses. The Ramadan fast is broken with three tamars (dates), and the fruit is mentioned 23 times in the Koran. It is customary in some countries to eat dates before breakfast, and some say that one date provides enough energy for a Bedouin to walk for three days.

The date comes from a palm tree that can take as long as 80 years before it bears fruit. A well-known Arab proverb says: "Those who plant dates do not harvest dates". The ancient proverb describes a generous ecological act, conscious of the fact that this planting and cultivation does not affect the present, but rather the future of those who follow us. It is interesting to note that similar reasoning is present in the Jewish law that says one "Shall not destroy", which prohibits the cutting down of fruit trees.

colonização ibérica, é não chamarmos a tâmara de *date*, por derivação do seu nome científico (*Phoenix dactylifera*, dedo fenício), como os ingleses e franceses. A analogia entre as plantas e os humanos é um dos anacronismos coloniais que antropomorfiza o mundo vegetal, via taxonomia, e faz das plantas um espelho do homem.

[ATO I]
LABORATÓRIO DE PRECONCEITOS

Ao longo do século XVIII, a botânica se institucionaliza como uma tecnologia de poder que tem a taxonomia como seu saber instrumental. Dissecado, compartimentado e enfileirado em jardins botânicos europeus, o universo das plantas é convertido pelos impérios coloniais num espaço pretensamente neutro, no qual se projetam preconceitos patriarcais, raciais e religiosos.

À catalogação do mundo, segue a coleta das espécies que alimentarão as *plantations*. Não por acaso, a Comissão de Limites, que demarcou as fronteiras entre os domínios da Espanha e de Portugal, em 1751, é acompanhada pela Expedição Orinoco. Essa expedição científica foi chefiada pelo sueco Pehr Löfling (1729-1756), discípulo dileto de Lineu (Carl Linnaeus, 1707-1778), o pai da taxonomia, a quem ele dedica sua obra sobre a América hispânica. Em reconhecimento ao seu trabalho, é homenageado pelo Mestre com um gênero botânico com seu nome: *Loeflingia*. O acontecimento não tem nada de incomum e remete à dinâmica extrativista colonial.

A colonização expropria não só a terra, mas também a planta da sua relação com o meio ambiente e a sociedade a que pertence. Seu ambiente e suas funções medicinais e religiosas são submetidos ao ritual simbólico de apagamento por meio do novo nome científico dado às coisas.

There is debate whether the word tamar comes from Arabic or Hebrew. In both languages the fruit has the same name with few differences in pronunciation, and both can be translated as palm tree. Their meanings, however, transcend their direct relation to the plant. In Portuguese and in Spanish the fruit name is "tâmara". If there is something to commemorate from the Iberian colonization, it is not calling the fruit a date, a derivation of its scientific name (*Phoenix dactylifera*, Phoenician finger), as in English and French. The analogy between plants and humans is one of the colonial anachronisms that anthropomorphizes the plant world, via taxonomy, making plants a reflection of man.

[ACT I]
LABORATORY OF PREJUDICES

Throughout the 18th century, botany became institutionalized as a technology of power that used taxonomy as its instrumental knowledge. Dissected, compartmentalized and lined up in a row in European botanical gardens, the world of plants is converted by colonial empires into a seemingly neutral space, while in fact inside it the patriarchal, racial and religious prejudices are projected.

What follows the cataloging of the world is the collection of species that will feed the plantations. It was no coincidence that the Boundary Demarcation Commission, which defined the borders between the domains of Spain and Portugal, in 1751, was accompanied by the Orinoco Expedition. This scientific expedition was led by the Swede Pehr Löfling (1729-1756), the beloved disciple of Carl Linnaeus (1707-1778), the father of taxonomy, to whom he dedicated his work on Hispanic America. In recognition of his deeds, his master named a botanical genus after him as a tribute: *Loeflingia*. This was not uncommon, but rather a colonial extractivist dynamics.

A palavra botânica aparece pela primeira vez em 1682, na obra do naturalista inglês John Ray (*Methodus plantarum nova*), que ensaia um método classificatório das plantas baseado no hábitat, no seu uso e nas semelhanças entre as suas principais partes constitutivas (folhas, caules, raízes etc.). O método enterraria a vasta tradição herbalista e suas motivações religiosas de recriar o Jardim do Éden, que marcaram os hortos medicinais, cujo ápice se deu durante a Renascença. Contudo, esse mesmo método daria novo fôlego às expectativas de formular um conhecimento universal da natureza que eram correntes na ciência moderna. Mas isso só se realizaria em plenitude quase um século depois. Um sistema classificatório de tamanha ambição demanda um sistema de nomenclatura uniforme, o que foi feito pelo botânico sueco Lineu, na obra *Species Plantarum*, em 1753.

Se a classificação de Ray marcava a separação entre a botânica e a medicina, a de Lineu expulsava a planta da integralidade da vida. No sistema binomial de Lineu, as plantas ganham nome e sobrenome e passam a falar o idioma das elites cultas europeias, o latim. O mundo vegetal incorpora as identidades de reis, nobres, papas e cientistas renomados, acompanhadas de palavras pomposas que remetem à geometria das formas de suas folhas, troncos e raízes, e a características humanas, como orelhas e vaginas.

Ao longo da colonização das Américas e do continente africano, os princípios da evolução progressiva e da Seleção Natural contaminam da economia ao imaginário e vice-versa. O preconceito ganha lastro laboratorial e se enraíza no imaginário coletivo.

Colonialism expropriated not only land, but also plants from their relationship to the environment and the society to which they belonged. Their environment and their medicinal and religious uses are submitted to a symbolic ritual of erasure through the introduction of new scientific names given to things.

The word “botany” appeared for the first time in 1682, in the work of the English naturalist John Ray (Methodus plantarum nova). He tested a classification method for plants based on habitat, on their uses and the similarities between their primary parts (leaves, stems, roots, etc.). The method would have undermined the vast herbalist tradition and its religious motivations for recreating the Garden of Eden, which marked the medicinal gardens that peaked in popularity during the Renaissance. However, this method would breathe new life into aspirations of formulating a universal understanding of nature, which were commonplace in modern science. But these aspirations would only be fully attained almost a century later. A classification system of this scope required a uniform system of nomenclature, as the one created by the Swedish botanist Linnaeus, in his work *Species Plantarum*, in 1753.

If the classification system created by Ray marked a separation between botany and medicine, the system created by Linnaeus cast plants out from the totality of life. In the binomial system created by Linnaeus, plants receive a first and a last name in the language of the European cultural elites, Latin. The plant world incorporates the identities of kings, noblemen, popes and renowned scientists, accompanied by pompous words that allude to the geometry of the shapes of their leaves, trunks and roots, using human characteristics such as ears and vaginas.

[ATO II]

A NOMENCLATURA É UM RITUAL DE APAGAMENTO

Nomear cientificamente é tomar posse, e aos povos originários é negada a posse material e simbólica da natureza. Na organização científica do mundo, o jatobá, por exemplo, deixa de ser a árvore dos frutos duros, sagrada para os povos originários pelos seus poderes de cura, para tornar-se, na taxonomia de Lineu, a *Hymenaea courbaril*, em referência ao hímen feminino, pela rigidez da casca de seus frutos.

Hymenaea ou *Hymen*, na mitologia grega, é Himeneu, o deus do casamento. Representado por um jovem que carrega uma tocha e um véu, ele é o que une, que costura duas partes. Apesar de não fazer referência direta à membrana vaginal que é rompida no intercurso sexual, o termo assume essa conotação na literatura médica do século XVI, associando, diretamente, virgindade, casamento e as supostas funções da mulher na sociedade (procriar e servir, sobretudo).

São muitas as plantas com nomes que abordam a mulher de um ponto de vista machista, como Maria-sem-vergonha, Beijo-de-puta e Peito-de-moça. Mas isso também ocorre na nomenclatura científica, na qual abundam plantas que têm nomes científicos que remetem às ninfas gregas, semideusas belíssimas que nunca envelheciam e tudo propiciavam aos homens e à natureza, e batizam o gênero das *Nymphaeas* que encantaram o pintor Monet.

Mais comuns são as flores, geralmente brancas, que nomeadas como *virginiana*, *virginica* ou *virginicum*, entre outras, fazem referência direta à virgindade feminina e sua associação à pureza e à delicadeza. Os lugares não habitados pelos europeus, que apareciam em vários mapas antigos como *terra incognita*, são comumente tratados como “terra virgem”, um mundo a ser

[ACT II]

NOMENCLATURE IS A RITUAL OF ERASURE

Naming something scientifically is to take possession of it, denying the material and symbolic possession of nature to original peoples. In the scientific organization of the world, the jatobá (West Indian locust), for example, is no longer the tree of hard fruits, sacred to original peoples for its curative powers, but rather a *Hymenaea courbaril*, in the taxonomy of Linnaeus, in reference to the female hymen, due to the rigidity of the peel of its fruits.

Hymenaea or *Hymen*, in Greek mythology, is Hymenaeus, the god of marriage. Represented by a youth who carries a torch and a veil, he is the one who unites, who binds the two parts. Although no direct reference is made to the vaginal membrane which tears during sexual intercourse, the term assumes this connotation in the medical literature of the 16th century, directly associating virginity, marriage, and the supposed functions of women in society (procreating and serving, primarily).

There are many plants with names that cast women in a chauvinist approach, such as Shameless Mary (*Impatiens walleriana*), Hooker lips (*Psychotria elata*), and Nipllefruit (*Solanum mammosum*). But this also occurs in the scientific nomenclature, in which there are many plants with scientific names that allude to Greek nymphs—beautiful demi-goddesses who never

Throughout the colonization of the Americas and the African continent, the principles of progressive evolution and natural selection contaminated everything from the economy to the imagination. This prejudice gained laboratory ballast and rooted itself in the collective imagination.

subjugado e aberto à devastação. Não há como negar: a rima mais perfeita do colonialismo é mesmo o patriarcalismo.

Negros são alvo de preconceitos diversos, expressos nos nomes populares, mas também nos científicos. Os nomes de plantas que têm *kaffir* ou *cafrum* como seu componente são altamente ofensivos. Termo derivado do árabe para "infiel", cafir tornou-se um sinônimo genérico de negro, com os colonizadores europeus ingleses, e cafre, mercadoria, na língua portuguesa, expandindo a noção racista que identificou homens e mulheres negros como objeto.

Por esses motivos, cafir é considerada hoje nos países da África subsaariana como um equivalente à repudiada palavra "Nigger", que hoje se convencionou dizer "palavra N" (N-word), pela violência racial que nela está contida.

Outros nomes derrogatórios são os que têm a palavra Hottentot. Esse era o modo como os holandeses generalizaram todos os povos não bantos da África do Sul. A palavra foi sinônimo de canibal, selvagem, e também aludia a alguns estereótipos físicos como lábios e nádegas protuberantes, como é patente na aviltante iconografia associada à Vênus Hottentot, uma princesa que foi levada para a Europa, onde foi humilhada em exposições de cunho supostamente científico e de entretenimento das elites brancas.

As denominações preconceituosas revelam-se também nas projeções da cultura dos brancos europeus nas formas das plantas, conjugadas a termos ofensivos aos povos originários, que são definidos como "índios". Essa é a maneira como Cristóvão Colombo, que acreditava ter aportado nas Índias, chamou os habitantes nativos das Américas. Índios. Mais de 350 plantas em língua inglesa são conhecidas como "Indian" e algum elemento da cultura branca, como

grow old and favor men and nature—who gave their name to the genus of *Nymphaeas*, which enchanted the painter Monet.

More common are flowers, generally white ones, which are named as *virginiana*, *virginica* or *virginicum*, among others, making direct reference to female virginity and its association with purity and delicateness. Places uninhabited by Europeans, which appeared in various old maps as *terra incognita*, are commonly known as "virgin territory", a world to be subjugated and opened up to devastation. There is no denying it: colonialism really does rhyme perfectly with patriarchalism.

Blacks are the target of different types of prejudice, expressed in common names, but also in scientific names. The names of plants that contain *kaffir* or *cafrum* are highly offensive. A term derived from Arabic for "non-believer", *cafir* became, among the European colonizers, a generic synonym for negro, and then cafre, or merchandise, in Portuguese, expanding the racist notion that identified black men and women as objects.

For these reasons, today, *cafir* is considered, in the countries of sub-Saharan Africa, as an equivalent to the repudiated word "nigger", which today is referred to as the "N-word", due to the racial violence it contains.

Other derogatory names contain the word Hottentot. This was how the Dutch generalized all the non-Bantu peoples of South Africa. The word was synonymous with cannibal, savage, and also alluded to some physical stereotypes, such as protruding lips and buttocks, as is evident in the degrading iconography associated with Hottentot Venus, a princess that was taken to Europe, where she was humiliated in supposedly scientific expositions for the entertainment of white elites.

Indian moccasin (mocassim-de-índio) e *Indian hemp* (maconha-de-índio).

Plantas invasoras, como Cigana-do-cerrado e *Gypsy weed*, são chamadas de ciganas. O adjetivo é problemático não só porque generaliza povos com histórias distintas, mas especialmente porque aparece nos dicionários como um sinônimo de trapaceiro. Os grupos étnicos são rom, sinti e caló.

No caso dos judeus, o antissemitismo incide sobre características físicas, como as orelhas estereotipadamente grandes, e culturais, como a barba dos religiosos. Adere, ainda, a mitos milenares, como o do povo deicida, que aparece na referência à coroa de espinhos de Jesus Cristo, presente em várias plantas. Alguns exemplos são a *Auricula judae* (Orelha-de-judeu, Orelha-de-judas, em várias línguas), *Judenbart* (Barba-de-judeu, uma espécie de begônia que produz pequenas flores brancas), e a popular Coroa-de-Cristo (*Euphorbia milii*, que no Brasil também tem uma versão misógina, Colchão-de-noiva).

Como ocorre com os indígenas, várias plantas presentes nos rituais e no herbalismo judaicos ganham o qualificativo "de judeu". *Judenöpfel* (*Pomme des juifs*, *Cedro all' Ebrea*) é um nome comum para a Cidra-amarela (*Citrus decumana*). Em hebraico ela é o *etrog*, planta diretamente associada aos costumes da festa judaica de Sucot (cabanas),[2] que envolve, nos seus rituais, quatro plantas (*lulav*, a folhagem da tamareira, *hadass*, folha de murta, *arava*, ramo do salgueiro, e o *etrog*, a mais sagrada, pois de todas é a que se destaca pelo gosto e perfume). Chamada também de "maçã do paraíso" em alemão (*Paradiesapfel*), consta em livros de medicina nesse idioma desde o século XVI.

Outras plantas "de judeu" são a *Corchorus olitorius* (*Jew's mallow*, em inglês, e Espinafre-do-Egito, em português), a beringela (*Jew's apple*,

Prejudiced names are also revealed in the projections of white European culture on the shapes of plants, conjugated into terms offensive to original peoples, who are described as "indians". This is what Christopher Columbus, who believed he had landed in the Indies, called the native inhabitants of the Americas. Indians. Over 350 plants in the English language are known as "Indian" and some elements of white culture, such as *Indian moccasin* and *Indian hemp*.

Invasive plants are called Gypsy weeds. The adjective is problematic not only because it generalizes peoples with different histories, but especially because it appears in dictionaries as synonymous with an unlicensed business and offensive meanings. The ethnic groups are Roma, Sinti and Calós.

In the case of the Jews, anti-Semitism focuses on physical traits, such as stereotypically large ears, and cultural traits, such as the beards of the orthodox. It also conforms to ancient myths, such as the one about the people who killed Jesus, which appears in the reference to the crown of thorns worn by Jesus Christ, present in various plants. Some examples are *Auricula judae* (Jew's ear, Judas's ear, in various languages), *Judenbart* (Jew's beard, a species of begonia that produces small white flowers) and the common Christ thorn (*Euphorbia milii*, which in Brazil also has a misogynist version, *colchão-de-noiva* [Bridal bed]).

As occurs with indigenous peoples, various plants present in Jewish rituals and herbalism have been classified as "Jewish". *Judenöpfel* (*Pomme des juifs*, *Cedro all' Ebrea*) is a common name for the pomelo (*Citrus decumana*). In Hebrew it is called the *etrog*, a plant directly associated with the customs of the Jewish festival of Sukkot (Feast of Booths),[2] which involves four plants in its rituals (lulav, a date frond,

maçã de judeu, em tradução livre), duas plantas comuns na culinária do Oriente Médio, e a *Judenkirsche* (Cereja-de-judeu), que é o fisális (*Physalis*) ou camapu. Apesar da aparentemente inocente associação, o nome é totalmente antissemita. A pequena fruta é envolvida por uma folha que remete ao infame chapéu que os judeus eram obrigados a usar na Europa Medieval (o *Judenhut*, *Coiffe juive*, *Pilleus cornutus*), como imposição do IV Concílio de Latrão (1215) para que pudessem ser identificados e distinguidos dos cristãos.

Não se pode esquecer aqui *Der Giftpilz* (*O cogumelo venenoso*, 1938), um livro infantil ilustrado que teve grande destaque na pedagogia nazista. Dividido em 17 capítulos, o livro ensina por meio de caricaturas e desenhos legendados que não se pode confiar em judeus. “Assim como muitas vezes é difícil distinguir um cogumelo venenoso de um cogumelo comestível, muitas vezes também é muito difícil reconhecer o judeu como um vigarista e criminoso...” “Eles se disfarçam, tentam ser amigáveis, afirmando mil vezes suas boas intenções para conosco. Mas não se deve acreditar neles. Judeus eles são e judeus eles serão. Para nosso povo, eles são venenosos.”

Essa visão do judeu como não confiável, que aparenta ser algo que não é, se repete em outros nomes vernaculares de plantas que recebem o atributo *Jude* (judeu em alemão). Só entre os cogumelos há seis espécies chamadas *Judenpilz* (cogumelos-de-judeus), que recebem esse nome ou por serem venenosas ou por serem consideradas inferiores em relação a outro alimento semelhante.

Há a castanha-portuguesa (*Castanea sativa*) e há a *Judenkest* (castanha-de-judeu, *Aesculus hippocastaneum*), que era destinada apenas aos animais. Mas há também *Judenspeck* (toucinho-de-judeu) para a *Butomus umbellatus* (uma espécie de junco florido, cujas raízes rizomáticas

hadass, the leaf of a myrtle tree, arava, the branch of a willow tree, and etrog, the most sacred, since it is heralded for its taste and fragrance). Also known as “Apple of paradise” in German (*Paradiesapfel*), it can be found in medical books in this language since the 16 th century.

Other “Jewish” plants are the *Corchorus olitorius* (Jew’s mallow), and eggplant (Jew’s apple), two plants common in Middle Eastern cuisine, and *Judenkirsche* (Jewish cherry), known as the groundcherry in English. Despite the apparent innocent association, the name is completely anti-Semitic. The small fruit is wrapped in a leaf that alludes to the infamous hat that Jews were forced to wear in medieval Europe (*Judenhut*, *Coiffe juive*, *Pilleus cornutus*), as an imposition of the Fourth Council of the Lateran (1215) so they could be identified and distinguished from Christians.

We must not overlook *Der Giftpilz* (*The poisonous mushroom*, 1938), an illustrated children’s book that was central to Nazi pedagogy. Divided into 17 chapters, the book taught, through captioned caricatures and drawings, that one cannot trust Jews. “Just as it is often hard to tell a toadstool from an edible mushroom, so too it is often very hard to recognize the Jew as a swindler and criminal...” “They disguise themselves, try to be friendly, stating their good intentions to us a thousand times. But you should not believe them. Jews they are and Jews they will always be. For our people, they are poisonous.”

This vision of the Jew as untrustworthy, who pretends to be something he is not, is repeated in other common names of plants that are assigned the word Jude (Jew in German). Among the mushrooms alone there are six species called *Judenpilz* (Jewish mushrooms), which received this name either because they are poisonous or because they are considered inferior to other types.

são comestíveis), *Judenfleisch* (carne-de-judeu), *Judenschinken* (presunto-de-judeu) e novamente toucinho de judeu para *Capsella bursa-pastoris* (bolsa-de-pastor, uma erva cujas vagens são comestíveis). Não há fundamento etnobotânico que justifique sua associação com judeus. O que prevalece aqui é sua suposta inferioridade em relação a alimentos considerados mais nobres.

Não surpreende que algumas plantas “de judeu”, tenham, em alemão, outros nomes vulgares que os caracterizam como “de cachorro”, de animais selvagens ou “de ciganos”. É o caso da *Allium ursinum* (alho-de-urso), que é conhecida como *Judenzwifel* (alho-de-judeu) e também como *Bärenlauch* (alho-poró-de-urso) e *Zigeunerknoblauch* (alho-poró-de-cigano). Nesses grupos (judeus e ciganos), também é comum a associação com a sujeira, o que fica patente em plantas como a bardana (*Arctium lappa*) e a *Bidens tripartita*, chamadas de *Juddeleis* (piolho-de-judeu) e de *Zigunelai* (piolho-de-cigano). Nos dois casos, são plantas nas quais a inflorescência das flores remete à longa barba característica dos dois povos.

O movimento pela renomeação taxonômica mobiliza alguns cientistas, muito embora os avanços sejam poucos. Em 2006, a Suécia decretou a renomeação da *Judenkirsche* e de todas as que têm conotação antissemita, o que não foi muito bem recebido em alguns fóruns de discussão na internet. Uma pessoa assim reagiu à renovação:

> Eu gosto da *Physalis alkengi*, *Juutalaiskirsikka* em finlandês e *Judenkirsche* em alemão, ou seja, “cereja-dos-judeus”, pois uma vez que elas escapam da plantação do meu jardim, posso dizer: *Wir müssen die Judenkirschen ausrotten!* (Precisamos erradicar as cerejas judaicas!).

De forma explícita, como no comentário acima, ou naturalizada pelo uso cotidiano, a terminologia antissemita mostra a sua força cultural e capacidade de irradiação. Algo que é

There is the Spanish chestnut (*Castanea sativa*) and there is the *Judenkest* (Jewish chestnut, *Aesculus hippocastaneum*), which was fed only to animals. And there is also *Judenspeck* (Jewish bacon) for the *Butomus umbellatus* (a species of flowering rush, whose rhizomatic roots are edible), *Judenfleisch* (Jewish meat), *Judenschinken* (Jewish ham) and again Jewish bacon for the *Capsella bursa-pastoris* (Shepard’s purse, an herb whose pods are edible). There is no ethno-botanical basis that justifies its association with Jews. What prevails here is the supposed inferiority in relation to foods that are considered superior.

It is not surprising that some “Jewish” plants have, in German, other common names that characterize them as dog-like, savage or gypsy-like. This is the case of the *Allium ursinum* (Wild garlic), which is known as *Judenzwifel* (Jewish garlic) and also as *Bärenlauch* (Bear leek) and *Zigeunerknoblauch* (Gypsy leek). These groups (Jews and gypsies) also share an association with filth, which is evident in plants such as the greater burdock (*Arctium lappa*) and the *Bidens tripartita*, known as *Juddeleis* (Jewish lice) and *Zigunelai* (Gypsy lice). In both cases, these are plants in which the inflorescence resembles the long beards characteristic of the two peoples.

The movement for taxonomic renaming has mobilized a number of scientists, though little progress has been made. In 2006, Sweden decreed the renaming of the *Judenkirsche* and all those that had anti-Semitic connotations, which was not well received by some discussion forums on the Internet. One person reacted to the overhaul:

> I like *Physalis alkengi*, *Juutalaiskirsikka* in Finnish and *Judenkirsche* in German, in other words, “Jew’s cherry”, since as soon as they escape my garden, I can say: *Wir müssen die Judenkirschen ausrotten!* (We must eradicate the Jew cherries!).

patente na vinculação do judeu como deicida e traidor, patente no ritual, ainda bastante comum, da malhação de Judas, que também nomeia a árvore *Cercis siliquastrum* como *Jüdischer Baum*, árvore judaica em alemão, e árvore de Judas, em inglês e em francês. Nada, contudo, tem um raio de disseminação e virulência como o da lenda maligna do judeu errante, que denomina as plantas da família *Tradescantia* em vários idiomas.

A lenda circula desde o século XIII na Europa. Conta a história de um homem, Ahasuerus, que ao ver Jesus percorrendo seu Calvário, teria gritado: "Crucifiquem-no!". Em resposta, Jesus lhe impôs a penitência de esperar o seu regresso, vagando pelo mundo sem descanso e sem morrer, até o fim dos tempos.

Apesar de os estudiosos da Igreja católica afirmarem que tal homem era o romano Cartaphilus, um dos guardiões do palácio de Pilatos, a lenda do judeu errante atravessou o tempo como parte da tradição oral da sexta-feira da Paixão. Foi publicada na Alemanha no século XVII e popularizada pela versão de Eugene Sue, em meados do século XIX, e pelas gravuras de Gustave Doré.

A lenda do judeu errante foi utilizada também em obras artísticas contra o antissemitismo, como no filme *The Wandering Jew* (1933) protagonizado por Conrad Veidt, o inesquecível assassino sonâmbulo de *O gabinete do Doutor Caligari* (Robert Wiene, 1920), e em pinturas de Marc Chagall (1887-1985). Mas, sem dúvida, a versão que prevalece até hoje é a da Alemanha nazista, propagada no filme *Der ewige jude* (*O eterno judeu*, 1940): o judeu parasita, milionário, agente de uma conspiração internacional para dominar o mundo.

Explicitly, as in the commentary above, or naturalized by daily use, anti-Semitic terminology shows its cultural force and ability to spread. Something that is evident in the linking of the Jew with deicide and betrayal, clear in the still quite common ritual of the burning of Judas, which also lends its name to *Cercis siliquastrum* as *Jüdischer Baum*, Jewish tree in German, and Juda's tree, in English and French. Nothing, however, approaches the scope of dissemination and virulence of the maligned legend of the Wandering Jew, which dominates the plant family Tradescantia in various languages.

The legend has circulated in Europe since the 13th century. It tells the story of a man, Ahasuerus, who upon seeing Jesus walking to the Calvary, called out: "Crucify him!" In response, Jesus cursed him to walk the earth tirelessly, waiting for his return until the end of days.

Although Catholic church scholars maintain that this man was the Roman Cartaphilus, one of palace guards of Pontius Pilate, the legend of the Wandering Jew endures as part of the oral tradition of Good Friday. It was published in Germany in the 17th century and popularized by the version by Eugene Sue, in the mid-19th century, and by the etchings of Gustave Doré.

The legend of the Wandering Jew was also used in works of art against anti-Semitism, as in the film *The Wandering Jew* (1933), starring Conrad Veidt, the unforgettable sleepwalking assassin of *The Cabinet of Dr. Caligari* (Robert Wiene, 1920), and in paintings by Marc Chagall (1887-1985). But undoubtedly the version that prevails up to this day is that of Nazi Germany, in the form of the propaganda film *Der ewige jude* (*The Eternal Jew*, 1940): the parasitic, millionaire Jew conspiring internationally to dominate the world.

[ATO III]
"A HUMANIDADE É UM JARDIM..."

A base da política de extermínio nazista é a eugenia, modalidade de racismo científico que tem suas origens na taxonomia dos botânicos do século XVIII. É Lineu quem primeiro divide os humanos em:

> *Europeanus* (brancos): inteligentes, inventivos e gentis
> *Asiaticus* (amarelos): desatentos
> *Americanus* (vermelhos): teimosos e raivosos
> *Africanus* (negros): preguiçosos.

Esse modelo é paulatinamente sofisticado nas décadas seguintes, tendo como um de seus marcos os estudos de diferentes crânios de Johann Friedrich Blumenbach, pai da antropologia, e o princípio da Seleção Natural de Darwin, que impactou particularmente seu primo, Francis Galton, criador da eugenia e do nome dessa especialidade.

Com as obras do médico estadunidense Samuel Morton, publicadas em 1839, e do escritor francês Conde de Gobineau, em 1835, estabelecem-se os pilares do racismo científico, que alimentaram o arianismo nazista e estão até hoje presentes no discurso do supremacismo branco.

É nesse quadro que a escravização de negros e indígenas ganha legitimidade científica e que se elaboram as primeiras tentativas de racialização dos judeus.

Como as plantas e os animais, os corpos humanos são objetualizados, dissecados e não poucas vezes instrumentalizados como entretenimento de massa. Impossível não lembrar aqui a exposição do grupo de ameríndios botocudos, levados de sua terra natal, no Espírito Santo, para o Rio de Janeiro – onde foram apresentados na Exposição Antropológica do Museu Nacional (1882), na qual também

[ACT III]
"HUMANITY IS A GARDEN..."

The basis of the Nazi extermination policy was eugenics, a type of scientific racism whose origins lie in the taxonomy of botany of the 18th century. It was Linnaeus who first divided men into:

> Europeanus (whites): light, wise, inventors
> Asiaticus (yellows): stern, haughty, greedy
> Americanus (reds): unyielding, cheerful, and free behavior
> Africanus (black): sly, sluggish, neglectful

This model gradually became more sophisticated in the following decades, marked by the study of different craniums by Johann Friedrich Blumenbach, the father of anthropology, and the principle of Natural Selection by Darwin, which particularly impacted his cousin, Francis Galton, creator of eugenics, for which this specialty is named.

The works of the American physician Samuel Morton, published in 1839, and of the French writer Arthur de Gobineau, in 1835, established them as pillars of scientific racism, which fed Nazi Aryanism and are still present in white supremacist discourse today.

It is in this context that the enslavement of blacks and indigenous peoples gain scientific legitimacy and the racialization of Jews is first attempted.

Like plants and animals, human bodies are objectified, dissected and oftentimes instrumentalized as entertainment for the masses. It is impossible to forget here the exposure of the group of Botocudo Amerindians, taken from their native land, in Espírito Santo, to Rio de Janeiro–where they were presented at the Brazilian Anthropological Exhibition (1882) organized by the National Museum, in which

eram exibidos representantes de outros povos indígenas –, e de lá para a Europa.

O caso dos "Botocudos do Brasil", como sabemos, não tem nada de excepcional. Era comum na Europa a exposição de indígenas e negros de todas as partes em zoológicos, em animadas reuniões de cunho "científico" e em espetáculos de "entretenimento". Basta lembrar o premiado filme *Vênus negra* (2010) de Abdellatif Kechiche, que conta a história da princesa Hottentont, para concluir: a violência colonial não cabe nas palavras...

E é no escopo do colonialismo que se compreende o nascimento da eugenia. Francis Galton cunhou o termo eugenia em 1883, no livro *Inquiries into Human Faculty and its Development*. Sua motivação era compensar a "lentidão" dos processos de seleção natural, que, Darwin garantia, se encarregariam de exterminar as raças selvagens. Mas isso levaria séculos, e Galton se dedicou a criar mecanismos para melhorar a espécie humana, alterando a composição das populações e favorecendo a reprodução de determinados tipos em detrimento de outros.

Proposta como ciência, a eugenia logo se impôs como um movimento social. Nos Estados Unidos fazia sucesso desde 1907, chancelando leis de esterilização e a proibição de casamentos inter-raciais. Outro país de vanguarda na área foi o Brasil, cuja Sociedade de Eugenia remonta aos anos 1920. Dirigida pelo médico Renato Kehl, tinha entre seus membros o poeta Jorge de Lima, o educador Fernando de Azevedo e outros fiéis seguidores, como o escritor Monteiro Lobato.

Na Alemanha nazista, a eugenia tornou-se política oficial de Estado desde 1933. Os resultados desse delírio são conhecidos em números estarrecedores de mortos: 6 milhões de judeus, 250 mil sinti, um número desconhecido de negros (mas certamente centenas de milhares), pelo menos 200 mil doentes

representatives of other indigenous peoples were also exhibited—and from there onward to Europe.

The case of the "Botocudos of Brazil", as we know, was not exceptional. In Europe, the exhibition of indigenous peoples and blacks from afar was common in zoos, in animated "scientific" meetings and in spectacles of "entertainment". We need only to remember the award-winning film *Vénus noire* (2010) by Abdellatif Kechiche, which tells the story of the Hottentot Princess, to conclude: colonial violence cannot be put into words...

And it is within the scope of colonialism that eugenics emerges. Francis Galton coined the term eugenics in 1883, in the book *Inquiries into Human Faculty and Its Development*. His motivation was to offset the "slowness" of the processes of natural selection that Darwin said would exterminate the savage races. But this would take centuries, and Galton dedicated himself to creating mechanisms to improve the human species, changing the composition of populations and favoring the reproduction of certain types to the detriment of others.

Proposed as a science, eugenics soon became a social movement. In the United States, its popularity started in 1907, with the approval of laws on sterilization and the prohibition of interracial marriages. Another country on the vanguard in this field was Brazil, whose Eugenics Society dates back to the 1920s. Headed by the physician Renato Kehl, its members included the poet Jorge de Lima, the educator Fernando de Azevedo and other loyal followers, such as the writer Monteiro Lobato.

In Nazi Germany, eugenics became the official policy of the state starting in 1933. The results of this delirium are reflected in the terrifying number of deaths: 6 million Jews, 250,000 Sinti, an unknown number of blacks (but

mentais e muitos milhares de homossexuais, comunistas e opositores do nazismo, classificados como associais.

Para os eugenistas a humanidade era um jardim que, para florescer, deveria livrar-se das ervas daninhas, como se pode ler na edição de seus escritos, organizada por seu mais importante discípulo, Karl Pearson. "Erva daninha", contudo, não se refere a nenhuma planta de qualquer espécie ou gênero ou categoria específicos e reconhecidos pela taxonomia científica atual.

"Daninha" é apenas uma denominação para qualquer planta que cresça onde os humanos não a querem. Sua qualificação como *mala hierba* é outra herança do colonialismo. São as plantas que não servem à economia extrativista. São as plantas que sobrevivem nas condições mais adversas. São as plantas que não se exterminam com facilidade. São as plantas que nem a radicalidade eugênica controla.

[ATO IV]
A TAXONOMIA É UMA TECNOLOGIA DE PODER

A relação entre colonialismo e apropriação é endêmica. A dominação da natureza e a subjugação dos corpos não machos e não brancos são estratégicas para o seu sucesso. O longo empreendimento colonial convoca os cientistas não só para viabilizar a expansão marítima, mas especialmente para legitimar a anexação e o controle dos territórios.

A crença na ciência busca compensar a pequenez humana frente à natureza e subjugar sua diversidade. As formas de conhecimento ancestral são neutralizadas pelo ritual de apagamento da nomenclatura científica. Os estudos antropológicos e etnobotânicos têm mostrado que a prática implica, por um lado, a contração do imaginário e, por outro, uma

certainly in the hundreds of thousands), at least 200,000 mentally ill and many thousands of homosexuals, communists and political opponents, classified as antisocial.

For the eugenicists, humanity was a garden that, in order to flourish, must rid itself of weeds. These ideas can be read in an edition of their writings, organized by their most important disciple, Karl Pearson. "Weed", however, does not refer to any plant of any species or genus or any category recognized by current scientific taxonomy.

"Weed" is just a name for any plant that grows where humans don't want it. Its classification as *mala hierba* is another vestige of colonialism. They are plants that do not serve the extractivist economy. They are plants that survive in adverse conditions. They are plants that cannot be easily exterminated. They are plants that not even radical eugenics can control.

[ACT IV]
TAXONOMY IS A TECHNOLOGY OF POWER

The relationship between colonialism and appropriation is endemic. The domination of nature and the subjugation of non-male, non-white bodies are strategic to its success. The long colonial enterprise called on scientists not only to make maritime expansion possible, but also to legitimize the annexation and control of territories.

This belief in science is used to compensate mankind's insignificance before nature and to subjugate its diversity. Forms of ancestral knowledge are neutralized by the ritual of erasure of scientific nomenclature. Anthropological and ethno-botanical studies have shown that the practice leads, on the one hand, to the contraction of the imagination and, on the

perda substancial de conhecimentos, que vão da medicina à química.

"A ciência [moderna] e o Império são causa e efeito um do outro", dizem La Fuente e Valverde. Por um lado, os impérios coloniais exigem que os cientistas e seus patronos compartilhem a crença de que as coisas da natureza podem ser capturadas em palavras e figuradas em diagramas. Por outro, os naturalistas viajantes têm de acreditar que os processos naturais podem ser desenhados, registrados em artigos científicos e catalogados.

Ciência geral da ordem, a taxonomia é uma fórmula para tabular o mundo, organizado a partir de suas semelhanças e diferenças. Do jardim botânico britânico Kew Gardens à base de dados estadunidense JSTOR, que conecta herbários do mundo todo na internet, prevalece uma lógica de articulação entre centralização das informações, proeminência geopolítica e poder de normatização.

Estudos de etnobotânica afrodiaspórica e indígena mostram que os subjugados, ainda que no limite da opressão, subverteram a ordem da natureza fabricada pelo colonialismo desde sempre. Das escravizadas que traziam grãos de arroz escondidos no cabelo para garantir a continuidade de seus costumes alimentares junto a seus filhos, passando pela permanência dos nomes indígenas na nossa flora, toda uma história de resistência é contada. Mais do que isso, toda uma outra ecologia é formulada.

Pesquisas recentes mostram que se é verdade que os impérios coloniais expropriaram e normatizaram a flora em todos os lugares nos quais atracaram suas barcas e caravelas, é verdade também que essa dominação foi corrompida por infiltrações culturais que deram a cara e o gosto das culturas subjugadas à nova paisagem. Dendê e quiabo são não só palavras de origem africana, mas tradições

other, to a substantial loss of knowledge, in anything from medicine to chemistry.

"[Modern] Science and empire are cause and effect of one another", said La Fuente and Valverde. On the one hand, the colonial empires demanded that scientists and their patrons share the belief that things of nature can be captured in words and diagrams. On the other, traveling naturalists believed that natural processes could be drawn, recorded in scientific articles and cataloged.

As a general science of order, taxonomy is a formula for tabulating the world, used to organize it based on its similarities and differences. From the Royal Botanical Gardens in Kew to the American database JSTOR, which connects herbariums from around the world on the Internet, the prevailing logic is one of coordinated centralization of information, geopolitical preeminence and normalizing power.

Studies on Afro-diasporic and indigenous ethnobotany show that the subjugated, despite their extreme oppression, have always subverted the order of nature fabricated by colonialism. From the enslaved who concealed grains of rice in their hair to ensure the continuity of their food customs with their children, to their insistence on indigenous names in our flora, the entire history of resistance is told. More than just a history, it is the formulation of another ecology.

Recent research has shown that if the colonial empires did in fact expropriate and normalize flora everywhere they moored their ships and caravels, it is also true that this domination was corrupted by cultural infiltration whereby the subjugated cultures stamped their semblance and tastes on the new landscape. *Dendê* (Agrican palm oil) and quiabo (okra) are not just words of African origin but transplanted traditions that inhabit anything from Yoruba rituals to Brazilian cuisine. Here, we must recognize the permanence

transplantadas que habitam dos rituais Yorubá à culinária brasileira. Aqui, ainda há que se recordar a permanência dos nomes indígenas na nomenclatura popular. Babaçus, jacarandás e ipês são atestados da força da resistência ao memoricídio das culturas dos povos originários.

Esse memoricídio começa entre nós na renomeação da árvore que dá nome ao país (o Pau-brasil). A ibirapitanga (árvore vermelha), como chamavam os ameríndios, foi o primeiro produto comercializado pelos portugueses. Classificada como *Caesalpinia echinata*, foi renomeada para *Paubrasilia echinata* em 2016. A reivindicação era garantir que tivesse um "gênero" próprio na taxonomia. Os cientistas do século XXI corroboravam, assim, a tese do orgulho nacional, negando, mais uma vez, o direito à memória dos povos indígenas.

A classificação de Lineu não tem nada de natural e segue duas diretrizes básicas: a hierarquia, que submete as plantas a um Reino (no caso, o vegetal) e as divide em classes, ordens, gêneros e espécies; e a organização que localiza as plantas nessas categorias, de acordo com suas características reprodutivas (o número de estames e pistilos). Sexista e binária, a taxonomia de Lineu atribui à presença dos órgãos supostamente masculinos (estames) a superioridade em relação àquelas plantas em que os pistilos são dominantes. Isso levaria a compreender-se a crença na autoridade masculina como um dado atávico da natureza, reforçando preconceitos da sociedade da época e válidos até hoje.

Um elemento importante das táticas de apagamento da pluralidade cultural é a misoginia que domina as classificações botânicas, em sua grande maioria formuladas por homens brancos. Essa perspectiva contribuiu também para corroborar o ponto de vista binário que alicerça a cultura patriarcal, no qual a mulher é um ser

of indigenous names in popular terminology. Babaçus, jacarandás and ipês attest to the strength of resistance to the memoricide of the cultures of original peoples.

This memoricide begins with the renaming of the tree Pau-Brasil (Brazilwood) that gave the country its name, Brazil. Ibirapitanga (red tree), as the Amerindians called it, was the first product commercialized by the Portuguese. Classified as *Caesalpinia echinata*, it was renamed *Paubrasilia echinata* in 2016. The idea was to ensure that it had its own "genus" in taxonomy. In this way, scientists of the 21th century corroborated the thesis of national pride, denying, once again, the right of indigenous peoples to their memory.

There is nothing natural about the classification by Linnaeus, which follows two basic guidelines: hierarchy, which submits plants to a Kingdom (in this case, the plant kingdom) and divides them into classes, orders, genera and species; and an organization that places plants in these categories, according to their reproductive characteristics (the number of stamens and pistils). Sexist and binary, the taxonomy by Linnaeus assigns superiority to the presence of supposedly male organs (stamens) over plants in which pistils are dominant. This leads us to believe that masculine authority must be an atavism, while reinforcing societal prejudices of the time, which are valid even today.

An important element of the tactics of erasure of cultural plurality is the misogyny that dominates botanical classifications, largely formulated by white men. This perspective also contributed to corroborating the binary perspective that underpins the patriarchal culture, in which a woman is inferior and gender diversity is restricted to males and females.

inferior e a diversidade de gênero é restrita ao masculino e feminino.

Paradoxalmente, contudo, as plantas consideradas mais complexas na teoria da evolução, as angiospermas, são, em sua maioria, hermafroditas. São as que têm flores e frutos e, apesar de guardarem no nome seu vínculo com o gênero masculino (*angio*, do grego, invólucro + *sperma*, semente), possuem os órgãos ditos masculinos e femininos de reprodução (androceu e gineceu).

Toda uma linha de investigação feminista e dos *queer studies* chama a atenção para as formas de ocultamento dessas dinâmicas ao longo da história. Ao mesmo tempo, esses trabalhos desinvestiram as associações preconceituosas entre *gays* e uma simbologia floral, dando-lhes novas conotações e positividades. Entre esses termos estão o Amor-perfeito, em inglês *Pansy flower*,[3] um sinônimo de maricas, e a violeta, chamada de *Saphic flower*, a flor de Safo, autora de poesia erótica lésbica (séculos VII-VI a.C.) que habitava a ilha de Lesbos.

Outras flores importantes entre os símbolos LGBTQIA+ são o cravo verde do escritor Oscar Wilde e a lavanda, cuja cor lilás é uma das formas de identidade dos movimentos LGBTQIA+, mas que foi usada para exacerbar a discriminação desde os anos 1920. Ponto alto dessa cruzada anti-*gay* foi a operação *Lavender Scare*, nos anos 1950 nos Estados Unidos, que tinha como alvo funcionários homossexuais e levou a uma demissão em massa de mais de 5 mil pessoas. Numa virada histórica, em 1969, multidões carregaram consigo ramos de lavanda em Nova York, em uma das grandes marchas do período pela afirmação dos direitos dos homossexuais, transformando o ramo de lavanda num sinônimo de empoderamento desses grupos.

Paradoxically, however, the plants considered most complex in the theory of evolution, the angiosperms, are mostly hermaphrodites. These are the ones that produce flowers and fruits and, despite their name being linked to the male gender (*angio*, from the Greek for "vessel" + *sperma*, "seed"), they have the male and female reproductive organs (androecium and gynoecium).

An entire line of feminist investigation and queer studies is devoted to calling attention to the forms of concealment of these dynamics throughout history. At the same time, these works divest the prejudiced associations between gays and floral symbolism, giving them new connotations and positiveness. Among these terms are Pansy flower,[3] a synonym of sissy, and the violet, known as the Sapphic flower, or the flower of Sappho, an author of Lesbian erotic poetry from the 7th and 6th century BC, who inhabited the island of Lesbos.

Other important flowers among LGBTQIA+ symbols are the green carnation of the writer Oscar Wilde, and the lavender, whose purple coloring is one of the ways of identifying LGBTQIA+ movements, but which has also been used to exacerbate discrimination since the 1920s. The high point of this anti-gay crusade was operation *Lavender Scare*, in the 1950s in the United States government, which targeted homosexuals in civil service and led to the mass dismissal of over 5,000 people. In a historic turnaround, in 1969, crowds carried lavender branches in New York, in one of the most important marches of the period to affirm the rights of homosexuals, transforming the lavender branch into a symbol of empowerment of these groups.

It was in this direction, in an appropriation of derision and offense in order to transform it into an agenda for liberation, that I accepted the assignment of "wandering" to Jews as a sign of force and resilience. In line with

É nessa direção, que se apropria do escárnio e da ofensa para transformá-los em pauta de libertação, que assumi o atributo de "errante" dado ao judeu como um signo de força e resiliência. Alinhada a alguns pressupostos da filosofia contemporânea, tomei a errância como uma derivação do nômade, que, para Deleuze e Guattari, é a condição social que performa a potência da mudança, o corpo desterritorializado que escapa, escorre, dos processos de dominação.

[ATO V]
TODA ERVA DANINHA É UM SER REBELDE

Há cerca de um ano e meio pesquiso plantas com nomes racistas (contra negros, indígenas, rom, sinti e caló), misóginos e antissemitas. Coleto tudo, nomes científicos e vulgares. São milhares de espécies. Na realidade, pode-se dizer que toda nomenclatura é ofensiva pelo apagamento que produz na cultura dos povos originários. Toda nomenclatura é ofensiva pelo modo como consagra o dominador, associando nomes de reis e rainhas a suas terminologias científicas.

O processo de pesquisa começou quando fui apresentada a uma "Judeu errante" numa ocupação artística genial de C. L. Salvaro, que tomou uma casa abandonada com plantas trepadeiras,[4] a respeito da qual escrevi um texto crítico a convite da Central Galeria (São Paulo). Naquele momento, gelei. Esse nome é um gatilho traumático para qualquer judeu pela carga de antissemitismo que carrega.

Atônita, lembro que cheguei em casa e fui buscá-la na internet. Não acreditava que pudesse ser verdade que uma planta tivesse esse nome. Mas era. A busca no Google retornou, como resposta, livros sobre o judeu errante e anúncios dessa planta, de que gosto tanto, em vários idiomas, além de associá-la a uma série de personagens históricos perseguidos por

some presumptions of contemporary philosophy, I used wandering as a derivation of nomad, which for Deleuze and Guattari is the social condition that performs the capacity for change, the deterritorialized body that flows, escapes from the processes of domination.

[ACT V]
EVERY WEED IS A REBELLIOUS BEING

For about a year and a half, I have been researching plants with racist (demeaning to blacks, indigenous people, Roma, Sinti and Calós), misogynistic and anti-Semitic names. I collect everything, scientific and common names. There are thousands of species. Actually, one can say that all nomenclature is offensive due to the erasure that it produces in the culture of original peoples. All nomenclature is offensive due to the way it enshrines the dominator, by associating the names of kings and queens with their scientific terminologies.

The research process began when I was presented with a "Wandering Jew" in a brilliant artistic occupation by C. L. Salvaro, who used an abandoned house with climbing plants,[4] on which I wrote a review at the request of Central Galeria (São Paulo). At that moment, I was chilled. This name is a traumatic trigger for any Jew due to the anti-Semitic power it possesses.

Astonished, I remember arriving at home and searching for it on the Internet. I could not believe it was true that a plant could have this name. But it was. A Google search returned books on the wandering Jew and ads, in various languages, for this plant that I like so much, in addition to associating it with a series of historical figures persecuted by different circumstances, such as President Dilma Rousseff, at the time of the proceedings that culminated in her impeachment.

circunstâncias diversas, como a presidente Dilma Rousseff, à época do processo que culminou no seu *impeachment*.

Desconcertada, passei a pesquisar as relações entre taxonomia botânica e preconceito. Minha maior surpresa foi perceber que grande parte dessas plantas, que têm nomes pejorativos e derrogatórios, são ervas ditas daninhas! E lindíssimas.

Esse termo tão desqualificador (daninha, danada, amaldiçoada) no pensamento hegemônico tornou-se, para mim, um símbolo de resiliência. Como no samba de Zé Kéti, imortalizado na voz de Elza Soares, elas pareciam dizer: "Podem me prender, Podem me bater, Podem até deixar-me sem comer... Se não tem água, eu furo o poço".

As supostas daninhas são exatamente assim. Sobem nas pedras, se enfiam entre as árvores. Ressurgem. Resistem. Como os escravizados, que traficavam as Palmeiras-imperiais, símbolo do poder monárquico e da riqueza latifundiária brasileira, engolindo suas sementes e as armazenando em suas fezes para contrabandeá-las. Como os judeus, que atravessaram todos os ciclos de perseguição, das Cruzadas ao Nazismo, passando pela Inquisição, e seguem vivos. Como os indígenas e seus saberes ancestrais, há 5 séculos vítimas de políticas de apagamento e genocídio. Como os povos rom, sinti e caló, ditos ciganos, a despeito de todos os dicionários que os associam à trapaça e à pilhéria. Como as mulheres, apagadas de todas as histórias e violentadas em todos os sentidos.

Indesejáveis, indomáveis, malditas, as ervas daninhas são a metáfora mais perfeita da luta pelo direito à vida. Rebeldes, desafiam um mundo dominado por uma almejada ordem natural inexistente, voltada à produção de bens.

Apesar dos seus resultados abomináveis na Segunda Guerra Mundial, sociedades eugênicas

Disconcerted, I began to research the relationships between botanical taxonomy and prejudice. To my great surprise, I discovered that most of these plants, which have pejorative and derogatory names, are considered weeds! And they are beautiful.

This demeaning term (weed) in the hegemonic thinking became a symbol of resistance for me. As in the samba of Zé Kéti, immortalized by the voice of Elza Soares, they seemed to be saying: "They can arrest me, They can beat me, They can even starve me... If there is no water, I dig a well".

Weeds are just like this. They climb rocks, they fit in between trees. They reemerge. They resist. Like the enslaved, who trafficked the Imperial palms—a symbol of power for the monarchy and of Brazilian plantation wealth—by swallowing the seeds and storing them in their feces as contraband. Like the Jews, who have endured every cycle of persecution, from the crusades to the Inquisition and Nazism, and managed to stay alive. Like the indigenous peoples and their ancestral knowledge, having endured five centuries as the victims of policies of erasure and genocide. Like the Roma, Sinti and Calós peoples, known as gypsies, despite all of the dictionaries that associate them with deception and jest. Like women, erased from all the histories and violated in every sense.

Undesirable, indomitable, cursed, weeds are the perfect metaphor for the fight for the right to life. Rebels, they challenge a world dominated by a natural order that does not exist, geared to producing goods.

Despite the abominable results during World War II, eugenic societies endured until the mid-1960s, leaving profound marks on contemporary culture. And this is not simply a matter of beauty contests and Johnson's babies. In cutting-edge knowledge, in everything from classical botany

perduraram até meados dos anos 1960, deixando marcas profundas na cultura contemporânea. E isso não se resume aos concursos de Misses e Bebês Johnson. Nos saberes de ponta atuais, da botânica clássica à Inteligência Artificial (IA), passando pela edição do código genético, vemos que se consolida a palavra-chave da eugenia: padronização.

Por algoritmos voltados à vida ou a produtos, pessoas, plantas e bichos são submetidos aos mesmos princípios tecnológicos empregados industrialmente: projeto, controle de qualidade e previsibilidade do produto.

No campo das tecnologias de imagem esses princípios estão presentes nos sistemas de vigilância. Mas são aplicados também na fotografia e no audiovisual, para criar figurações tão ou mais reais que o real, podendo substituir humanos por modelos e atores que não existem, fazer políticos falarem coisas que nunca disseram, ou calibrar discursos revisionistas, que negam do Holocausto à chegada do homem à Lua.

É o que se chama de *deepfakes*, e sua receita são recursos de Inteligência Artificial que criam novos dados a partir de outros dados, identificando e combinando padrões internos e desprezando as dissonâncias.

O processo das imagens generativas, feitas com Inteligência Artificial, é espantosamente parecido com o que Francis Galton utilizava nos seus estudos eugenistas, para os quais criou um método fotográfico: o retrato composto. Nesse processo, Galton superpunha diversas fotos e apagava suas diferenças, a fim de identificar o criminoso genérico ou o judeu genérico.

O retrato composto, escreveu Galton em 1879, não "representa nenhum homem em particular, mas retrata uma figura imaginária que possui as características médias de qualquer grupo de homens". É mais ou menos isso que uma Rede

to Artificial Intelligence to gene editing, the keyword of eugenics is standardization.

People, plants and animals are submitted algorithms designed for life or products and the same technological principles employed industrially: design, quality control and predictability.

In the field of image technologies, these principles are present in surveillance systems. But they are also applied to photography and audiovisual production, to create figures that are more real than real, enabling the substitution of humans by models or actors that do not exist, making politicians say things they never said, or creating revisionist discourses that deny anything from the Holocaust to the lunar landing.

These are called deepfakes, and they are made using Artificial Intelligence that creates new data based on other data, identifying and combining internal patterns while downplaying dissonance.

The process of generative imaging, created with Artificial Intelligence, is shockingly similar to that which Francis Galton used in his study of eugenics, for which he created a photographic method: the composite portraiture. In this process, Galton superimposed different photos and erased their differences, to identify the generic criminal or the generic Jew.

The composite portrait, wrote Galton in 1879, "is one that represents no man in particular, but portrays an imaginary figure possessing the average features of any given group of men". This is basically what a Generative Neural Network does: it recognizes patterns, in detriment to particularities.

But what about things that fall outside the pattern? What place will they occupy in society?

Neural Generativa faz: o reconhecimento dos padrões, em detrimento das particularidades.

Mas e o que fica fora do padrão? Que lugar social poderá ocupar?

[EPÍLOGO]
DANINHAR O MUNDO É PRECISO

Sabemos que a visão é um atributo biológico, mas o olhar é cultural. A dificuldade da cultura ocidental em ler o mundo fora dos parâmetros das molduras e janelas renascentistas é inegável. As telas e os livros o comprovam. Partindo desse raciocínio, pergunto: e se chegarmos a um momento em que a visão computacional se torne tão hegemônica a ponto de não conseguirmos mais enxergar o que fica fora do padrão, da mesma forma que temos dificuldade para compreender o que ultrapassa o cânone retangular ou quadrado da tela e da página? Estaríamos prestes a entrar em uma era da eugenia maquínica?

Foi aí que resolvi me dedicar a uma espécie de "engenharia de uma filosofia reversa": combinar entre si imagens que propositalmente rompem a cadeia produtiva das imagens mais reais que o real, alimentando o sistema com dados incongruentes, como plantas de diferentes espécies, mas sempre com nomes derrogatórios a judeus, a negros, a mulheres, a indígenas e a povos ditos "ciganos", forçando o sistema a operar sua síntese e, assim, gerar uma imagem que não pretende decalcar o real, mas operar em uma extra-natureza.

Esse procedimento deu origem à série *Flora rebellis*, um conjunto de cinco registros em vídeo do deslocamento da Inteligência Artificial pelos milhares e milhões de dados que compõem um modelo (no meu caso, "judeus", "negros", "mulheres" etc.), buscando os padrões coincidentes nas camadas dos arquivos de imagens que os constroem.

[EPILOGUE]
WEEDING THE WORLD IS NECESSARY

We know that vision is a biological attribute, but seeing is a cultural construction. Western culture's difficulty in understanding the world outside the parameters of Renaissance frames and windows is undeniable. Paintings and books prove it. Based on this reasoning, I ask: will there come a time when the computational view becomes so hegemonic that we can no longer see what falls outside of the pattern, in the same way that we find it difficult to understand what falls outside the rectangular canon or the frame of a painting or page? Are we on the cusp of an era of machine eugenics?

This is when I decided to dedicate myself to a kind of "engineering of a reverse philosophy". By combining images that purposely break the production chain of more real than real images, feeding the system with incongruent data, like plants of different species, but always with names demeaning to Jews, blacks, women, indigenous peoples and peoples known as "gypsies", by forcing the system to operate its synthesis and, in this way, generate an image that has no intention of tracing the real, but rather operating outside of nature.

This procedure gave rise to the series Flora rebellis, a set of five video recordings of the displacement of Artificial Intelligence by thousands and millions of pieces of data that compose a model (in my case, "Jews", "blacks", "women" etc.), in a search for coinciding patterns in the layers of the archives of images that compose them.

This space, in which data revolve inside a model, is called a latent space, since it is not observable by the human eye. We are capable, for example, of recognizing that a photo portrays a plant and not a person, but

Esse espaço em que os dados orbitam dentro de um modelo é chamado de espaço latente, pois ele não é observável pelos olhos humanos. Somos capazes, por exemplo, de reconhecer que uma foto retrata uma planta e não uma pessoa, mas não somos capazes de observar as inúmeras camadas de informação de uma imagem digital, que vão de suas coordenadas internas ao tipo de câmera utilizado.

O registro feito em vídeo mostra, portanto, os diferentes caminhos que o processamento maquínico poderia ter tomado. Esse processo é teoricamente infinito. Na prática, é preciso que se estabeleçam parâmetros, como o número de interações (a quantidade de vezes que essas operações são realizadas), para que o computador suporte realizar as tarefas e para que se chegue a algum resultado.

Toda a ação para a criação de um *latent walk video* é, assim, essencialmente algorítmica. Partindo-se de um mapa vetorial dos resultados de criação de um modelo ("judeus", "negros", "mulheres" etc.), é possível optar por carregar as imagens a partir de uma maior ou menor proximidade entre seus dados e o tempo de deslocamento entre um resultado (uma imagem criada ao longo do aprendizado de imagem) e outro. Nesse sentido, apesar de o resultado do registro ser um vídeo com começo, meio e fim, sua edição é generativa, não dirigida.

Compreender essas nuances do sistema me fez aprender com as máquinas. Isto é, sair do patamar, tão antropocêntrico, de me sentir capaz de fazer um treinamento de algoritmos, e me educar para outro tipo de cumplicidade. Acho que pela primeira vez entendi o que Donna Haraway queria dizer com o seu manifesto ciborgue: é preciso procurar a possibilidade de transgredir as fronteiras entre natureza e cultura.

Essa constatação foi fundamental para a realização da série *Flora mutandis*, na qual trabalhei com critérios próprios para catalogar as

we are not capable of observing the countless layers of information of a digital image, which include anything from internal coordinates to the type of camera used.

The video recording, therefore, shows the different paths that machine processing could have taken. This process is theoretically infinite. In practice, parameters must be established, such as the number of interactions (the number of times that these operations are to be performed), so that the computer can conceivably carry out the tasks and arrive at some result.

Every action to create a latent walk video is, as such, essentially algorithmic. Starting with a vector map of the results for the creation of a model ("Jew", "blacks", "women", etc.), it is possible to load the images based on greater or lesser proximity between the data and the time of displacement between one result (one image created during the machine learning process) and another. In this sense, despite resulting in a video that has a beginning, a middle and an end, its editing is generative and not directed.

Understanding the nuances of the system allowed me to learn from the machines. That is, to move away from an anthropocentric level of me feeling capable of practicing with algorithms, to educating myself for another type of facilitation. I believe I finally understood what Donna Haraway meant with her cyborg manifesto: we must look for ways of breaching the frontiers between nature and culture.

This finding was fundamental for creating the series Flora mutandis, in which I worked with my own criteria to catalog plants, dividing them into groups of species that reference, for example, parts of the body that allude to shoes, that have become, due to their beauty and

plantas, dividindo-as em grupos de espécies que se referem, por exemplo, a partes do corpo que fazem alusão a sapatos, que se tornaram, pela sua beleza e estranheza, as minhas favoritas, entre outras classificações altamente pessoais.

Qualquer semelhança com a famosa passagem de Michel Foucault, lendo a transcrição que Jorge Luis Borges fez de certa enciclopédia chinesa em que se alinhavam seres fantásticos, cães desenhados e outros que parecem moscas, de tão distantes que estão de nós, não é mera coincidência. Esse foi um dos pontos de partida para o desenvolvimento de uma metodologia artística voltada a compreender a genealogia científica dos preconceitos e as formas pelas quais eles se desdobram em linguagens.

O principal embate, desde sempre, era como conseguir formular outras estéticas, alternativas ao binarismo e à padronização intrínsecos às IAs e ao universo antropocêntrico que fundamentou a ciência moderna. Importante dizer aqui que *Flora rebellis* e *Flora mutandis* utilizam o mesmo formato de aprendizado de máquina (Style GAN2). Contudo, operam em direções opostas. Na primeira, parti das categorias mais assentadas do racismo científico, procurando simular o método eugenista de Galton nos seus retratos compostos, para inviabilizá-lo. Na segunda, me apropriei do título da obra referencial da botânica brasileira, *Flora brasiliensis* (1840-1906), iniciada por Carl Friedrich von Martius (1794-1868), para colocar em jogo tudo que aprendi com *Flora rebellis*.

De certa forma, *Flora mutandis* sintetiza a pauta de *Botannica Tirannica*: um ecossistema de uma ciência errante, que transita entre supostos erros de leitura onde florescem seres híbridos, sem nome, sem raízes. Uma flora *mutatis mutandis*, isto é, que vive "mudando o que tem que ser mudado".

strangeness, my favorites, among other highly personal classifications.

Any similarity with the famous passage by Michel Foucault—reading a transcription that Jorge Luis Borges had done of a certain Chinese encyclopedia where fantastic beings were gathered together with drawings of dogs and others that looked like flies when seen from long distances—is no coincidence. This was one of the starting points to develop an artistic methodology designed to understand the scientific genealogy of prejudice and the ways in which it unfolds in language.

The main difficulty has always been how to formulate other aesthetics, alternatives to binarism and the intrinsic standardization of Artificial Intelligence and the anthropocentric universe that forms the basis of modern science. It is important to say here that *Flora rebellis* and *Flora mutandis* use the same format of machine learning (Style GAN2). However, they operate in opposite directions. In the former, I started with categories anchored in scientific racism, striving to simulate the eugenicist method of Galton in his composite portraits, to make the rendering of a generic plant unfeasible. In the latter, I appropriated the title of the seminal work on Brazilian botany, *Flora brasiliensis* (1840-1906), initiated by Carl Friedrich von Martius (1794-1868), to put into practice everything I learned with *Flora rebellis*.

In some ways, *Flora mutandis* summarizes the agenda of *Botannica Tirannica*: an ecosystem of a wandering science, which moves between supposed reading errors where nameless, rootless hybrid beings flourish. A mutatis mutandis flora that lives "with the necessary changes having been made".

[NOTAS]

1 A Árvore da Vida (Etz Chaim) é também um dos principais símbolos da Cabala. No campo dessa importante corrente da mística judaica, porém, ela não está associada à narrativa bíblica e é uma forma diagramática que contém as dez esferas espirituais pelas quais Deus se manifesta.

2 A festa de *Sucot* relembra os 40 anos de peregrinação no deserto do Sinai, depois da fuga do Egito, e é em homenagem aos nômades peregrinos que os religiosos dormem, nessa festa, em cabanas. Conhecida como a festa das colheitas, é a mais vegetal das comemorações judaicas e é considerada uma das três grandes festas que milenarmente invocavam peregrinações ao Templo de Jerusalém.

3 *Pansy craze* ou loucura *gay* é o nome dado aos espetáculos que dominaram o circuito do entretenimento de Nova York nos anos 1930, marcando a saída do mundo *gay* dos espaços da subcultura para o *mainstream*.

4 BEIGUELMAN, G. C. L. Salvaro: Antes de afundar, flutua. *Artishock Revista*, 26 mar. 2021. Disponível em: <https://artishockrevista.com/2021/03/26/c-l-salvaro-antes-de-afundar-flutua/>.

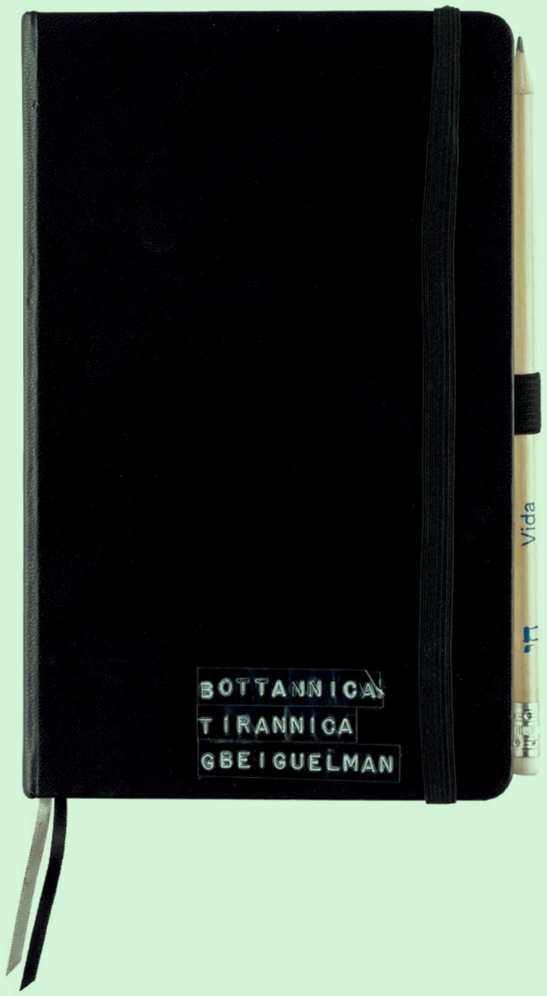
[NOTES]

1 The Tree of Life (Etz Chaim) is also one of the main symbols of the Kabbalah. In the field of this important framework of Jewish mysticism, however, it is not associated with the biblical narrative, but rather with a diagram that contains the ten spiritual spheres through which God manifests himself.

2 The Sukkot holiday commemorates the 40 years of pilgrimage in the Sinai desert, after the enslaved Jews left Egypt. In homage to the pilgrim nomads, the religious ones sleep in huts during this holiday. Known as the "festival of the harvests", it is the most plant-based Jewish commemoration and is considered one of the three great holidays, which has, for thousands of years, invoked pilgrimages to the Temple of Jerusalem.

3 Pansy craze is the name given to shows that dominated the entertainment circuit of New York in the 1930s, marking the move of the gay world from places of subculture to the mainstream.

4 BEIGUELMAN, G. C. L. Salvaro: Antes de afundar, flutua. *Artishock Revista*, Mar. 26, 2021. Available at: <https://artishockrevista.com/2021/03/26/c-l-salvaro-antes-de-afundar-flutua/>.



SUBSTRATE

CIÊNCIA E COLONIALISMO
SCIENCIE AND COLONIALISM

AGOSTINHO, M. DE B. A exposição antropológica brasileira de 1882: a sala Lund e a exibição de remanescentes humanos no Museu Nacional. *Ventilando Acervos*, Florianópolis, n. 1, p. 36-48, 2019.

ALBERGARIA, D. Ameaça imprevista à etnobotânica. *Pesquisa Fapesp*, São Paulo, n. 310, p. 87-89, dez. 2021. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/ameaca-imprevista-a-etnobotanica/>.

ANDERMANN, J. Espetáculos da diferença: a Exposição Antropológica Brasileira de 1882. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 5, p. 128-170, dez. 2004.

ANTONELLI, A. Director of science at Kew: it's time to decolonise botanical collections. *The Conversation*, Carlton, Australia, June 19, 2020. Disponível em: <http://theconversation.com/director-of-science-at-kew-its-time-to-decolonise-botanical-collections-141070>.

BHOPAL, R. The beautiful skull and Blumenbach's errors: the birth of the scientific concept of race. *BMJ : British Medical Journal*, v. 335, n. 7633, p. 1308-1309, Dec. 22, 2007.

CHAUNCEY, G.; AMERICAN COUNCIL OF LEARNED SOCIETIES. *Gay New York* [electronic resource]: gender, urban culture, and the makings of the gay male world, 1890-1940. New York: Basic Books, 1994.

CHÉRET, J. (1836-1932) I. *Jardin zoologique d'acclimatation*: Indiens Galibis. Chemins de fer de l'Ouest (Porte Maillot): [affiche] / [Jules Chéret]. (Imagem). Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b9015494k>.

CLAYTON, N. Weeds, People and Contested Places. *Environment and History*, v. 9, n. 3, p. 301–331, 2003.

CROSBY, A. W. *Imperialismo ecológico*. Tradução: José Augusto Ribeiro; Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DEAN, W. *A Botânica e a política Imperial*: Introdução e adaptação de plantas no Brasil Colonial e Imperial. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados (IEA/USP), 21 jun. 1989. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/deanbotanicaimperial.pdf>.

DEBRET, J.-B. (1768-1848). *Voyage pittoresque et historique au Brésil, ou Séjour d'un artiste français au Brésil, depuis 1816 jusqu'en 1831 inclusivement / par J.-B. Debret,...*. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b85530100>.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs - Capitalismo e esquizofrenia*. Tradução: Peter Pál Pelbart; Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 2005. v. 5.

DIAS, J. F. A "raça", um conceito pensado e benzido com termos do Ocidente. *CEI-IUL* (Blog), 23 jul. 2019. Disponível em: <https://blog.cei.iscte-iul.pt/a-raca-um-conceito-pensado-e-benzido-com-termos-do-ocidente/>.

DISCOVERY SCIENCE. *A Biologia do Segundo Reich*: Darwinismo Social e as Origens da Primeira Guerra Mundial, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9n900e80R30>.

FERDINAND, M.; SMITH, A. P.; DAVIS, A. Y. *Decolonial Ecology*: Thinking from the Caribbean World. Cambridge, UK: Polity Press, 2022.

FERREZ, M. [Exposição Antropológica Brasileira: artefatos e aspectos da vida indígena]. 1882. (Imagem). <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/21982>.

FISCHER, G. "Where are the Botocudos?" Anthropological displays and the entanglements of staring, 1882-1883. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 26, p. 969-992, 16 set. 2019.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução: Salma Tannus Muchail. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HARAWAY, D. J. *Simians, Cyborgs, and Women*: The Reinvention of Nature. New York: Routledge, 1991.

HUMAN ZOOS: America's Forgotten History of Scientific Racism [Eugenics], 2017. (Vídeo). Produzido por John G. West. Disponível em: <http://archive.org/details/HumanZoos-ScientificRacism>.

JEYNES, W. H. Race, Racism, and Darwinism. *Education and Urban Society*, v. 43, n. 5, p. 535-559, Sept. 1, 2011.

KECHICHE, A. *Vénus noire*. (Vídeo). MK2 Productions, France 2 Cinéma, CinéCinéma, 2011.

KELLEHER, S. R. How a Museum's Human Skull Collection Sparked A Racial Reckoning. *Forbes*, 16 abr. 2021. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/suzannerowankelleher/2021/04/16/penn-museum-samuel-morton-human-skull-collection-black-slaves-repatriation/>.

LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. Tradução: Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 1990.

MOORE, J. W. (ed.). *Anthropocene or Capitalocene?*: Nature, History, and the Crisis of Capitalism. Oakland, CA: PM Press, 2016.

NOTT, J. C.; GLIDDON, G. R.; GEORGE R. *Types of mankind: or, Ethnological researches based upon the ancient monuments, paintings, sculptures, and crania of races, and upon their natural, geographical, philological and Biblical history: illustrated by selections from the inedited papers of Samuel George Morton and by additional contributions from L. Agassiz, W. Usher, and H.S. Patterson*. Philadelphia: J.B. Lippincott, Grambo & Co., 1854.

SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SUBRAMANIAM, B. *Ghost Stories for Darwin*: The Science of Variation and the Politics of Diversity. Urbana, IL: University of Illinois Press, 2014.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
ARTIFICIAL INTELLIGENCE

BORSBOOM, D.; MELLENBERGH, G. J.; VAN HEERDEN, J. The theoretical status of latent variables. *Psychological Review*, USA, v. 110, n. 2, p. 203-219, Apr. 2003.

COZMAN, F. G.; PLONSKI, G. A.; NERI, H. (org.). *Inteligência artificial*. (Livro eletrônico). São Paulo: IEA/USP. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/650/579/2181>.

KARRAS, T. et al. Alias-Free Generative Adversarial Networks. *arXiv*, Oct. 18, 2021. Disponível em: <http://arxiv.org/abs/2106.12423>.

MARTÍNEZ, J. V. M.; LOZANO, S. L. El rostre sintètic: Estratègies de representació a l'entorn del retrat artificial. *Artnodes*, Barcelona, n. 23, 2018.

SIAROHIN, A. et al. First Order Motion Model for Image Animation. In: CONFERENCE ON NEURAL INFORMATION PROCESSING SYSTEMS (NeurIPS 2019), 33., Vancouver, Canada. *Proceedings*... Red Hook, NY: Curran Associates, 2019. Disponível em: <https://papers.nips.cc/paper/2019/hash/31c0b36aef265d9221af80872ceb62f9-Abstract.htm

ANTISSEMITISMO
ANTI-SEMITISM

ABOLING, S. The Attribute »Jude« in Historic Vernacular Plant Names in Germany. *Aschkenas*, Berlin, v. 16, n. 2, p. 583-623, Jan. 2008.

BELL, D. *Globalizing race*: antisemitism and empire in French and European culture. Evanston, Il.: Northwestern University Press, 2018.

CARNEY, J. Seeds of Memory: Botanical Legacies of the African Diaspora. In: VOEKS, R.; RASHFORD, J. (eds.). *African Ethnobotany in the Americas*. New York, NY: Springer, 2013. p. 13-33.

DEUTSCHLANDFUNKKULTUR.DE. *Antisemitismus in der Botanik – Wie mit Pflanzennamen diskriminiert wird*. Disponível em: <https://www.deutschlandfunkkultur.de/antisemitismus-in-der-botanik-wie-mit-pflanzennamen-100.html>.

ELVEY, M. *The Wandering Jew*, 1933. (Vídeo). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dMTHwuQnlKA>.

FELDMAN, D. Conceiving Difference: Religion, Race and the Jews in Britain, c. 1750-1900. *History Workshop Journal*, n. 76, p. 160-186, 2013.

MÉLIÈS, G. *Le Juif Errant*. (Vídeo). Star Film Company, 1904. Disponível em: <http://archive.org/details/LeJuifErrant>.

EUGENIA
EUGENY

BEIGUELMAN, B. Genética, Ética e Estado: (Genetics, Ethics and State). *Brazilian Journal of Genetics*, Ribeirão Preto, v. 20, n. 3, p. 525-530, set. 1997.

COHEN, P. Homo Sapiens 1900. Arte Factum, Svenska Filminstitutet (SFI), Sveriges Television (SVT),1998.

THE EUGENICS Crusade, Chapter 1, 2018. (Vídeo). Publicado por American Experience; PBS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5JcYEXeK0g8>.

FERREIRA, T. O que foi o movimento de eugenia no Brasil: tão absurdo que é difícil acreditar. *Geledés*, 16 jul. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/eugenia-no-brasil-movimento-tao-absurdo-que-e-dificil-acreditar/>.

FIOCRUZ. Suplemento da revista HCSM discute conceito de "eugenia latina", 22 jun. 2017. (Vídeo). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XU6FlukWL8c>.

GALTON, F. *Inquiries into Human Faculty and its Developments*. London: galton.org, 2001.

LEITE, M. Os genes da discórdia: alimentos transgênicos no Brasil. *Política Externa*, São Paulo, v. 8, n. 2, set. 1999.

PEARSON, K. Eugenics as a Creed and the Last Decade of Galton's life. In: PEARSON, K. (ed.) *The Life, Letters and Labours of Francis Galton*. Volume 3: Correlation, Personal Identification and Eugenics. Cambridge Library Collection – Darwin, Evolution and Genetics. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2011. v. 3, p. 217-436.

SERA-SHRIAR, E. Anthropometric portraiture and Victorian anthropology: Situating Francis Galton's photographic work in the late 1870s. *History of Science*, v. 53, n. 2, p. 155-179, June 1, 2015.

TORRES, L. DE L. Reflexões sobre raça e eugenia no Brasil a partir do documentário "Homo sapiens 1900" de Peter Cohen. *Ponto Urbe – Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, São Paulo, v.1, n. 2, 1 fev. 2008.

WEST, John G. Before the Third Reich: America's Darwinist Eugenics Crusade. *ID The Future* (Podcast), March 25, 2022. Disponível em: <https://idthefuture.com/1579/>.

ZAMAN, A. Galton: Eugenicist Founder of Statistics. *An Islamic WorldView* (Blog), July 13, 2020. Disponível em: <https://azprojects.wordpress.com/2020/07/13/galton-eugenicist-founder-of-statistics/>.

BOTÂNICA: HISTÓRIA E VISÕES CONTEMPORÂNEAS
BOTANY: HISTORY AND CONTEMPORARY VISIONS

CAIN, J. Changing Offensive Names In Taxonomy Will Be A Hard Ask. *Professor Joe Cain*, July 30, 2020. Disponível em: <https://profjoecain.net/changing-offensive-names-taxonomy/>.

COCCIA, E. *A vida das plantas*: uma metafísica da mistura. Tradução: Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

DAFNI, A.; BÖCK, B. Medicinal plants of the Bible-revisited. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 15, n. 1, p. 57, Nov. 27, 2019.

DARWIN, C. *The descent of man, and selection in relation to sex*. New ed., rev. augm. [authorized edition] ed. New York: D. Appleton and Company, 1896.

DUNCAN, S. 'Nice Apples' and Other Problematic Plant Language. *Free Rads*, Sept. 29, 2016. Disponível em: <https://freerads.org/2016/09/29/nice-apples-and-other-problematic-plant-language/>.

EVANS, K. Change Species Names to Honor Indigenous Peoples, Not Colonizers, Researchers Say. *Scientific American*, Nov. 3, 2020. Disponível em: <https://www.scientificamerican.com/article/change-species-names-to-honor-indigenous-peoples-not-colonizers-researchers-say/>.

FALCK, Z. J. S. *Weeds*: An Environmental History of Metropolitan America. Pittsburgh, PA: University of Pittsburgh Press, 2010.

FARA, P. *Sex, Botany, and Empire*: The Story of Carl Linnaeus and Joseph Banks. New York, NY: Columbia University Press, 2004.

HUNTER, M. Racist Relics: An Ugly Blight On Our Botanical Nomenclature. *The Scientist Magazine*, Nov. 24, 1991. Disponível em: <https://www.the-scientist.com/opinion-old/racist-relics-an-ugly-blight-on-our-botanical-nomenclature-60358>.

IRVING, J. T. W. Botanical Gardens Colonial Histories and Bioprospecting – Naming and Classifying the Plants of the World. In: ORLOW, U.; SHEIKH, S. (eds.). *Theatrum Botanicum*. New York: Sternberg Press, 2019. p. 73-80.

LAFUENTE, A.; VALVERDE, N. Linnaean Botany and Spanish Imperial Biopolitics. In: SCHIEBINGER, L.; SWAN, C. (eds.). *Colonial Botany*: Science, Commerce, and Politics in the Early Modern World. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2007. p. 246-270.

LINDEGAARD, V. De cafres e Cafraria, rigor, ofensas e lexicologia. *Travessa do Fala-Só* (Blog), 18 jun. 2009. Disponível em: <https://llindegaard.blogspot.com/2009/06/de-cafres-e-cafraria-rigor-ofensas-e.html>.

MANCUSO, S. *Revolução das plantas*: um novo modelo para o futuro. Tradução: Regina Silva. São Paulo: Ubu, 2019.

MARISCO, G.; ROCHA, R. Estudos Etnobotânicos em Comunidades Indígenas no Brasil. *Revista Fitos*, v. 10, n. 2, p. 155-162, 1 dez. 2016.

MASTNAK, T.; ELYACHAR, J.; BOELLSTORFF, T. Botanical Decolonization: Rethinking Native Plants. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 32, n. 2, p. 363-380, Apr. 1, 2014.

NOWICK, E. *Historical Common Names of Great Plains Plants*. Volume I: Historical Names. Lincoln, NE: Zea Books, 2015a.

NOWICK, E. *Historical Common Names of Great Plains Plants, with Scientific Names Index*. Volume II: Scientific Names Index. Lincoln, NE: Zea Books, 2015b.

ORLOW, U.; SHEIKH, S. *Theatrum Botanicum*. Cambridge, MA: MIT Press, 2020.

PRAGER, S. Four Flowering Plants That Have Been Decidedly Queered. *Daily Jstor*, Jan. 29, 2020. Disponível em: <https://daily.jstor.org/four-flowering-plants-decidedly-queered/>.

SALICK, J.; KONCHAR, K.; NESBITT, M. (eds.). *Curating Biocultural Collections*: A Handbook. Richmond, Surrey, UK: Royal Botanic Gardens Kew, 2014.

SCHIEBINGER, L.; SWAN, C. (eds.). *Colonial Botany*: Science, Commerce, and Politics in the Early Modern World. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 2007.

TOURNEFORT, J. P. DE (1656-1708). *Elemens de botanique, ou Methode pour connoître les plantes*. I. (Texto escaneado). Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8454361d>.

VOEKS, R. Ethnobotany of Brazil's African Diaspora: The Role of Floristic Homogenization. In: VOEKS, R.;

RASHFORD, J. (eds.). *African Ethnobotany in the Americas*. New York: Springer, 2013. p. 395-416.

CATÁLOGO
CATALOGUE

EXPOSIÇÃO
EXHIBITION

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Editorial coordination
Patrícia Mourão de Andrade

DESIGN GRÁFICO
Graphic Design
Maria Cau Levy

PRODUÇÃO GRÁFICA
Graphic production
Lilia Góes

TRADUÇÃO
Translation
Glenn Johnston

PREPARAÇÃO E REVISÃO
Copyediting and proofreading
Armando Olivetti
Richard Sanches

TRATAMENTO DE IMAGENS
Photo retouching
Estúdio Guarnieri

IMPRESSÃO
Printing
Ipsis Gráfica e Editora

PAPÉIS
Papers
Eurobulk 135g
Pólen 90g
Masterblanc 270g

FONTES
Typography
Nb Typewriter
Gt Walsheim
Baskerville

CURADORIA
Curator
Ilana Feldman

PESQUISA
Research
Giselle Beiguelman
Sylvia Beiguelman

COORDENAÇÃO DE PROJETO
Project coordinator
Mariana Lorenzi

PRODUÇÃO
Production
Carla Ogawa
Patrícia Prado Betti Queiroz
Fernando Gallo

EDUCAÇÃO E PARTICIPAÇÃO
Education and participation
Sapoti

EXPOGRAFIA
Exhibition design
Helena Cavalheiro

EXECUÇÃO DA EXPOGRAFIA
Exhibition design execution
Metro

IDENTIDADE VISUAL
Visual identity
Maria Cau Levy
Karime A. Zaher (assist.)

JARDINS
Gardens
Bruno Araújo

JARDINAGEM
Landscaping
Wagner Ponta Paisagismo

AQUARELAS
Watercolors
Ricardo Van Steen

PAISAGEM SONORA
Soundscapes
Gabriel Francisco Lemos

ILUMINAÇÃO
Lighting design
Fernanda Carvalho

INSTALAÇÃO DE ILUMINAÇÃO
Lighting installation
Santa Luz

AUDIOVISUAL
Maxi Áudio

REVISÃO
Proofreading
Armando Olivetti

TRADUÇÃO
Translation
Glenn Johnston
Christopher Mossey

IMPRESSÃO
Printing
Dot Studio

TRATAMENTO DE IMAGENS
Image treatment
Aristides Neto

EXECUÇÃO DA COMUNICAÇÃO VISUAL
Visual communication execution
Mamulti
Watervision

MOLDURAS
Frames
Jacarandá Montagens

MONTAGEM FINA
Artwork installation
Manuseio

LAUDOS DE CONSERVAÇÃO
Condition reports
Rita Torquete

TRANSPORTE
Shipping
Alves Tegam

SEGURO
Insurance
Affinité

AGRADECIMENTOS
Acknowledgments
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAUUSP
Instituto de Biociências - USP
Marcos Buckeridge
Adriana Hypolito Nogueira
Hermano Vianna
Pedro Meira Monteiro
Evane e Lilian Beiguelman
Armando Olivetti

MUSEU JUDAICO DE SÃO PAULO

CONSELHOS
Boards

CONSELHO DELIBERATIVO
Deliberative board
Sergio Daniel Simon (Presidente | President)
Daniel Reichstul
Dora Lucia Brenner
Moshe Sendacz
Salo Davi Seibel
Sergio Gusmão Suchodolski
Sergio Napchan
William Kern

CONSELHO CONSULTIVO
Advisory board
Henri Philippe Reichstul (Presidente | President)
Adriana Feffer Skaf
Celso Lafer
Claudia Maria Costin
Claudio Luiz Lottenberg
Daniel Feffer
Daniel Leon Bialski
David Cytrynowicz
David Safra
Denis Benchimol Minev
Eduardo Saron Nunes
Elena Landau
Esther Hamburger
Fábio Alperowitch
Ilan Goldfajn
Inês Bogéa
José Luiz Goldfarb
José Roberto Marinho
Joyce Pascowitch
Lia Diskin
Luciana Temer
Luis Cláudio Garcia de Souza
Luiz Kignel
Marcelo Mattos Araujo
Marcelo Nudelman
Marcos Kisil
Maria Luiza Tucci Carneiro
Mário Arthur Adler
Milton Seligman
Nancy Rozenchan
Pedro Machado Mastrobuono
Renata Bittencourt
Renata Motta
Rosaly Chansky (Dodi)
Rosane Borges
Ruth Sprung Tarasantchi

CONSELHO FISCAL
Audit board
Eduardo Groisman (Duda) (Presidente | President)
Gilson Finkelsztain
Roberto Luiz Leme Klabin

SUPLENTES
Alternates
Fábio Zaclis
Michael Edgar Perlman
Octávio José Aronis

DIRETORIA
Directors

DIRETOR EXECUTIVO
Executive director
Felipe Arruda

DIRETORA DE ACERVO E MEMÓRIA
Collection and memory director
Roberta Alexandr Sundfeld

DIRETORA DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS
Financial and managing director
Marianna Bomfim

DIRETORA DE COMUNICAÇÃO
Communication director
Marilia Neustein

DIRETOR DE CURADORIA E PARTICIPAÇÃO
Curatorship and participation director
Felipe Chaimovich

DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL
Institutional development director
Christopher Mossey

ASSISTENTE DE DIRETORIA
Assistant to the directors
Leonardo Moreira

EQUIPE
Team

CURADORIA E PARTICIPAÇÃO
Curatorship and participation
Mariana Lorenzi
Fernando Gallo
Débora Setton

ACERVO E MEMÓRIA
Collection and memory
Ruth Sprung Tarasantchi
Linda Derviche Blaj
Judith Tarasantchi
Theodora Falcão Barbosa
Leonardo Vitulli
Jemima Novaes
José Messias Ribeiro Santos

DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL
Institutional development
Piatã Kignel
Evandro Camargo

COMUNICAÇÃO
Communication
Beatriz Costa
Juliana Santana
João Bomfim

ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS
Financial and managing
Felipe Velasco
Ana Paula Ferraz
Juliana Braz Silva
Tatiely Vanziler
Janaina Chagas (estagiária | Intern)
Isabelle do Carmo (estagiária | Intern)

EDUCAÇÃO E PARTICIPAÇÃO
Education and participation
Sapoti Projetos Culturais
Daniela Chindler
Dinah Feldman Harari
Thaís Carneiro
Denise Magalhães
Tamara Faifman

EDUCADORES
Educators
Bruno Ramos
Ernesto Honigsberg
Malu Frizzo
Marcellus Beghelle
Bruna Brancati (educadora-intérprete | educator and interpreter)

ESTAGIÁRIOS
Interns
Charles Cunha
Henry Castelli
Ingrid Anjos
Kevin Romani
Lilian Bain
Marina Spinola
Melissa Paiva
Muriel Male

GESTÃO PREDIAL
Building management
José Pereira dos Santos
Michell Francisco Ferreira

SEGURANÇA
Security
Adrian Benedykt
Michele Maria S. Ferreira
Carmelita Novais dos Santos
Eli Tavares
Fabiana Rodrigues de Carvalho
Jose Amirton Araujo de Paula
Nelson Luiz Silva Prestes
Roberto Alves da Silva
Thiago Oliveira Umbelino
Victor Giovanni E. da Silva
Wilson Ambrosio de Sousa

RECEPÇÃO
Front desk
Daniel Porto Santos Darienzo
Gabrielli Braz Matiotta
Melissa Teixeira Gomes

TODA
ERVA
DANINHA
É UM SER
REBELDE

Patrocinadores parceiros do Museu Judaico
de São Paulo para a temporada de 2022

2022 Sponsors and Partners of
the Jewish Museum of São Paulo

Mantenedor
Lei de Incentivo à CULTURA
INSTITUTO CULTURAL VALE

Patrocinador
Instituto CCR

Apoio
bemol
Sotreq CAT
fundação arymax
DEXCO
ALFA

Realização
museu judaico de são paulo
SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO

CRÉDITO DAS IMAGENS
IMAGE CREDITS

Daniel Cabrel, 80; 8286; 88-89; 100-101; 104-105; 108-109; 152-153

Fernando Banzi, 146

Giselle Beiguelman, 1-3, 157-160, 18, 20, 22-24, 26-28, 30-32; 34-36; 38-40; 42; 44; 46; 48; 50; 52; 54; 56; 58; 60; 62; 64; 66; 68; 70; 72; 74; 78; 114; 116b

Julia Thompson, 8-9; 76; 90; 93-94; 98-99; 102-103; 106-107; 110-11; 154

Creative Commons
Anro, 118b, 119b, e, f
Björn S, 120c
Burkhard Mücke, 116a
Danilo Aviles, 120b
Iroz, 117b
Jessica Romer, 121b
João Medeiros, 119d
Krzysztof Ziarnek, 118a
Kula Botanical Garden, 119c
Llez, 117a
Luke Barnard, 121d
Luteus, 120a
Marco Schmidt, 117d
Nicolas Weghaupt, 116e
Orna Lotan, 116d
Peganum, 118f
Peter Calleja, 121a
P. S. Sena, 118d
Robb Hannawacker, 118e
Roger Phillips, 120e
Ronincmc, 116c
SAPlants, 118c
Scott Zona, 120d
Stefan Flöper, 117e
Tarciso Leão, 116f
Vinayaraj, 117f
Zanerappa, 117c

Todos os esforços foram feitos para identificar os detentores dos direitos autorais das imagens aqui reproduzidas. Eventuais erros ou omissões serão corrigidos em futuras edições.

All efforts have been made to find copyright ownership of materials reproduced in this publication. We will be happy to correct any omission in case it comes to our knowledge in future editions.

capa
cover
p. 1-3, 157-160

Processo de desenvolvimento da obra Errante com Inteligência Artificial

Development process of the work Wandering using Artificial Intelligence.

Giselle Beiguelman
2022

contracapa
back cover

Auricularia auricula-judae

Orelha-de-Judeu
Jew's ear.

Dominicus Johannes Bergsma
2016

MUSEU JUDAICO DE SÃO PAULO
Rua Martinho Prado, 128
01306-040 São Paulo SP
www.museujudaicosp.org.br
contato@museujudaicosp.org.br

DADOS INTERNACIONAIS DE
CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO - CIP

BEIGUELMAN, GISELLE
BOTANNICA TIRANNICA / GISELLE BEIGUELMAN ;
[TRADUÇÃO GLENN JOHNSTON]. -- SÃO PAULO, SP :
MUSEU JUDAICO DE SÃO PAULO, 2022.

ED. BILÍNGUE: PORTUGUÊS/INGLÊS.
ISBN 978-65-997289-2-1

1. ARTE - EXPOSIÇÕES - CATÁLOGOS 2. BOTÂNICA
3. COLONIALISMO 4. INTELIGENCIA ARTIFICIAL
5. RACISMO
I. TÍTULO.

22-121610 CDD-709

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
1. BOTÂNICA : ARTE MODERNA 709

ELIETE MARQUES DA SILVA - BIBLIOTECÁRIA
CRB-8/9380

© Museu Judaico de São Paulo
© Giselle Beiguelman

[BOTANNICA TIRANNICA]

[MUU]

[28.05.2022 – 18.09.2022]

[ISBN 978-65-997289-2-1]